

INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO
POLITÉCNICO
DO PORTO

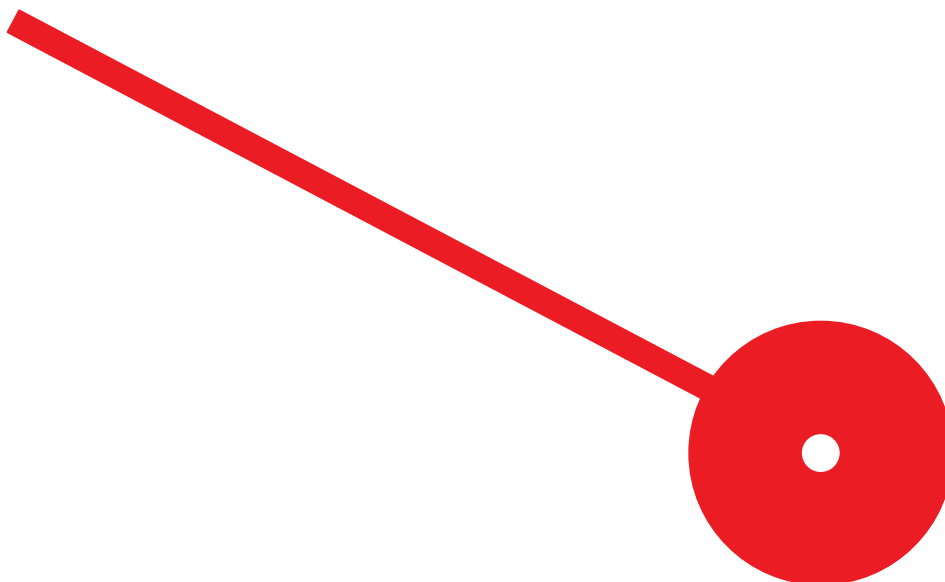
M

MESTRADO
Assessoria de Administração

Literacia financeira, traços de personalidade e tomada de decisão em estudantes do ISCAP

Susana Manuela Miranda do
Nascimento Fontes

10/2025



M

MESTRADO
Assessoria de Administração

Literacia financeira, traços de personalidade e tomada de decisão em estudantes do ISCAP

**Susana Manuela Miranda do
Nascimento Fontes**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de
Contabilidade e Administração do Porto para a obtenção do grau de
Mestre em Assessoria e Administração, sob orientação do Professor
Doutor Manuel Salvador Gomes de Araújo.**

Agradecimentos

Concluir esta dissertação representa muito mais do que alcançar uma etapa académica. Representa a superação de um desafio pessoal, iniciado quando, após 25 anos, decidi regressar ao ISCAP e retomar os estudos. Voltar a estudar aos 50 anos, conciliando a vida profissional com a exigência académica, não foi uma tarefa fácil. Tudo estava diferente — novas metodologias, novas terminologias (perdoem-me, mas para mim ainda são «cadeiras», apesar de agora se chamarem Unidades Curriculares) — e um percurso completo a frequentar, do primeiro ao terceiro ano. Foi um ano especialmente desafiante, mas também profundamente transformador.

Tive a sorte de encontrar três turmas bastante diversificadas, mas é à turma do 1.º ano de 2022/2023 que quero deixar um agradecimento especial. Foram fundamentais para a minha adaptação e continuidade nesta jornada. A Isabel Gonçalves, a Elsa Cruz, o Álvaro, a Olga e as Cristinas (como carinhosamente lhes chamo) foram um apoio constante, não só como colegas, mas como amigos. Foi, em grande parte, por querer manter-me na companhia deles que decidi ingressar neste mestrado.

Agradeço a todos os alunos do ISCAP, que disponibilizaram 8 minutos do seu tempo para responder ao questionário que criei, para enriquecer este trabalho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Manuel Salvador, manifesto o meu profundo reconhecimento pela sua paciência, orientação e acompanhamento atentos ao longo de todo este processo. A sua orientação rigorosa, mas sempre motivadora, foi essencial para que este trabalho ganhasse forma.

Não posso deixar de expressar a minha gratidão à instituição bancária Montepio, onde trabalho, por me ter proporcionado as condições necessárias para conciliar o trabalho com os estudos, permitindo-me chegar até aqui.

Por fim, e num registo mais pessoal, agradeço a um homem que foi e é uma inspiração para mim. A sua força, ambição e apoio foram determinantes para que eu voltasse a esta instituição e concluísse aquilo que tinha deixado inacabado. E, acima de tudo, agradeço ao meu pai. Esteve sempre comigo — espiritualmente — a guiar-me, a encorajar-me nos momentos de dúvida, e a recordar-me com a sua voz interior:

"Força! Continua! Estou orgulhoso por ti!"

A todos, o meu sincero obrigado.

Resumo

Nos últimos anos, tem-se observado uma crescente preocupação com a falta de literacia financeira na sociedade portuguesa. Este fenómeno reflete-se numa desconexão entre as pessoas e as ferramentas financeiras à sua disposição, o que pode ter sérias implicações tanto para a gestão das finanças pessoais como para a capacidade de empreender. A relevância deste trabalho reside na sua contribuição para a sensibilização das instituições de ensino superior para a importância de integrar a literacia financeira na formação académica, preparando assim os estudantes para os desafios económicos do mundo atual. A motivação para este estudo surge da crescente importância de competências financeiras na vida académica e futuro profissional dos estudantes, bem como da perceção de que muitos jovens enfrentam dificuldades na gestão dos seus recursos financeiros pessoais. A presente dissertação tem como objetivo principal conhecer a literacia financeira no contexto do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP), assim como da sua relação com os traços de personalidade e a tomada de decisão. Usando uma metodologia quantitativa, num estudo transversal através de um inquérito por questionário, recolheram-se dados de 163 estudantes numa amostra de conveniência. A investigação revelou que, apesar de alguns estudantes demonstrarem um bom entendimento de conceitos básicos, há uma necessidade evidente de reforçar a educação financeira no currículo académico. Este estudo também procurou compreender as motivações que levam os estudantes a procurar ou evitar informações financeiras, bem como as suas atitudes perante a gestão do dinheiro. Observou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre *Literacia Financeira*, *Abertura à Experiência* e *à extroversão*, sendo a correlação negativa e significativa entre *Literacia Financeira* e *Neuroticismo*, mas não com a *conscienciosidade*. O estudo revelou que o *Neuroticismo* e a *Conscienciosidade* são preditores negativos significativos do *empreendedorismo*. São apresentadas as principais recomendações em termos de futuros estudos, assim como sugestões em termos formativos nesta área do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Literacia financeira; Personalidade; Estudantes do ensino superior; Tomada de decisão.

Abstract

In recent years, there has been growing concern about the lack of financial literacy in Portuguese society. This phenomenon is reflected in a disconnect between individuals and the financial tools available to them, which can have implications for both personal finance management and entrepreneurial capacity. The relevance of this work lies in its contribution to raising awareness among higher education institutions about the importance of integrating financial literacy into academic training, thus preparing students for the economic challenges of today's world. The motivation for this study arises from the growing importance of financial skills in students' academic and professional lives, as well as the realization that many young people face difficulties in managing their personal financial resources. The main objective of this dissertation is to understand financial literacy in the context of the Porto Higher Institute of Accounting and Administration (ISCAP), as well as its relationship with personality traits and decision-making. Using a quantitative methodology, a cross-sectional study was conducted through a questionnaire survey, collecting data from 163 students in a convenience sample. The research revealed that, although some students demonstrate a good understanding of basic concepts, there is a clear need to strengthen financial education in the academic curriculum. This study also sought to understand the motivations that lead students to seek or avoid financial information, as well as their attitudes toward money management. A positive and statistically significant correlation was observed between financial literacy, openness to change, and extroversion, while a negative and significant correlation was found between financial literacy and neuroticism, but not with the dimension of conscientiousness. The study revealed that neuroticism and conscientiousness a significant negative predictor of entrepreneurship. Key recommendations for future studies are presented, as well as suggestions for training in this area of knowledge.

Keywords:

Financial literacy; Personality; Higher education students; Decision making.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os estudantes que, em diferentes fases da vida, decidem regressar aos estudos, conciliando as exigências da vida pessoal, profissional e familiar com a dedicação que o percurso académico exige.

A todos os que, entre o dever e o sonho, encontram força para continuar a aprender, movidos pela vontade de crescer, de evoluir e de alcançar novos horizontes — seja por ambição profissional, seja pelo simples prazer do conhecimento e pela realização pessoal e intelectual que o saber traz.

Aos meus dezasseis anos, quando comecei a trabalhar aos fins de semana e nas férias numa loja de pronto-a-vestir, nunca imaginei que esse seria o início de uma longa jornada de esforço, responsabilidade e superação.

Aos dezoito anos, abracei o meu primeiro emprego a tempo inteiro como secretária, descobrindo o verdadeiro significado da disciplina e da autonomia.

Aos vinte, tornei-me assessora numa empresa de equipamentos hospitalares, aprendendo o valor da comunicação, da organização e da confiança.

E, finalmente, aos vinte e sete, entrei no mundo da banca — um espaço de crescimento e de aprendizagem constante —, onde fui construindo o meu percurso até me tornar gerente aos trinta e cinco anos. Essa etapa consolidou não apenas a profissional que sou, mas também a mulher determinada, perseverante e resiliente em que me transformei.

Este caminho profissional foi sempre acompanhado por um percurso académico feito de desafios e conquistas. Desde o Bacharelato em Línguas e Secretariado no ISCAP, até ao CESE em Assessoria de Gestão, curso que me deu o privilégio de inaugurar nas novas instalações da instituição.

Sempre no regime de trabalhadora-estudante, aprendi que o tempo não é um obstáculo, mas sim um aliado de quem acredita verdadeiramente nos seus objetivos. Cada aula frequentada

ao final do dia, cada exame realizado após uma longa jornada de trabalho e cada momento de cansaço foram passos firmes na construção de um sonho, testemunhos de uma vontade inabalável e de um orgulho silencioso.

Passaram vinte e cinco anos desde a última vez que me sentei numa sala de aula. Este regresso não foi apenas um desafio, mas um reencontro comigo mesma — com a curiosidade da jovem que começou cedo, com a persistência da mulher que nunca desistiu e com a maturidade de quem aprendeu o verdadeiro valor do conhecimento.

Hoje, compreendo que recomeçar é também um ato de coragem. E é por isso que dedico este trabalho à minha própria determinação, à disciplina que me sustentou nos momentos mais exigentes, à resiliência forjada ao longo de décadas e à convicção profunda de que nunca é tarde para aprender, para evoluir e para sonhar novamente.

Este trabalho é o reflexo de uma vida inteira de esforço, de luta, de dedicação e de amor pelo que faço. É a celebração do meu percurso — como profissional, como estudante e, acima de tudo, como mulher que acredita que o conhecimento é, e será sempre, a mais bela forma de liberdade.

A todos os que partilham este espírito, e que acreditam que recomeçar é também uma forma de vencer — este trabalho é, de coração, para vós.

Lista de siglas e abreviaturas

2 FA – Autenticação de 2 Fatores

ASF – Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões

BCE – Banco Central Europeu

BdP – Banco de Portugal

BNPL – Buy Now Pay Later (compra agora, paga depois)

CMVM – Comissão de Mercados de Valores Mobiliários

DSC - Departamento de Supervisão Comportamental

ENFF – Estratégia Nacional de Formação Financeira

FSA – Financial Services Authority

IAVE – Instituto Avaliação Educativa

INE – Instituto Nacional de Estatística

INFE - International Network on Financial Education

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

LF – Literacia Financeira

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONU – Organização das Nações Unidas

NEO-PI-R – NEO Personality Inventory

PISA – Programme for International Students Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Alunos)

PNFF - Plano Nacional de Formação Financeira

PPR – Plano Poupança Reforma

RPGD – Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados

SMART – Specific (Específico), Mensurável, Alcançável, Realista, Temporal

U.E. – União Europeia

UFIF - Unidade de Formação e Financeira

TAEF – Taxa Anual Efetiva Global

TAN – Taxa Anual Nominal

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Fundamentação Teórica	6
1.1. Literacia Financeira	7
1.2. Traços de personalidade	16
1.3. Literacia financeira e personalidade	20
1.4. Tomada de Decisão e empreendedorismo	24
Capítulo II – Metodologia de Investigação	26
2.1. Problema.....	27
2.2. Objetivos.....	28
2.3. Hipóteses	28
2.4. Paradigma metodológico	28
2.5. Procedimento de recolha de dados e considerações éticas.....	29
2.6. Instrumentos	30
2.7. Procedimentos estatísticos e operacionalização das variáveis	31
2.7.1. Preparação e fiabilidade	31
2.7.2. Construção de índices/variáveis.....	31
2.7.3. Análises.....	32
2.7.4. Amostra	32
2.8. Limitações e qualidade metodológica	34
Capítulo III – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados	35
3.1 Análise descritiva.....	36
3.2 Teste de Hipóteses.....	41
Capítulo IV – Conclusão	47
4.1. Conclusões	48
4.2 Implicações teóricas e práticas para a Assessoria de Administração	49
4.3. Limitações e Pistas de Investigação Futura	50
Referências bibliográficas.....	52
Apêndices.....	60

Índice de quadros

Quadro 1 - Resumo cronológico da evolução da literacia.....	9
Quadro 2 - Distribuição dos itens do questionário pelos Cinco Grandes Traços de Personalidade (Big Five)	39

Índice de figuras:

Figura 1 - Modelo dos cinco grandes traços de personalidade (Big Five)	18
--	----

Índice de tabelas

Tabela 1 - Distribuição das variáveis sociodemográficas dos participantes.....	33
Tabela 2 - Distribuição das respostas às afirmações sobre atitudes financeiras.....	Error!
Bookmark not defined.	34

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Sexo.....	36
Gráfico 2 - Idade.....	36
Gráfico 3 - Nível de Formação Académica	37
Gráfico 4 – Com quem habita.....	37
Gráfico 5 - Estatuto ocupacional/laboral em que se encontra	37
Gráfico 6 - Escolaridade Pai	38
Gráfico 7 - Escolaridade Mãe	38
Gráfico 8 - Literacia financeira versus Abertura à Experiência e Extroversão	42
Gráfico 9 - Literacia financeira versus Neuroticismo e Conscienciosidade.....	43
Gráfico 10 - Preditores negativos de empreendedorismo	44
Gráfico 11 - Panorama Global.....	45

Introdução

“A educação forma. Vai fazer você ganhar a vida. A autoeducação vai fazer você alcançar uma fortuna”.

Jim Rohn

Numa sociedade cada vez mais complexa do ponto de vista económico e financeiro, torna-se essencial dotar os cidadãos de competências que lhes permitam compreender e agir de forma informada no que respeita à gestão do seu dinheiro. A educação, entendida como um pilar fundamental do desenvolvimento pessoal e social, deve incluir, de forma prioritária, a literacia financeira. Esta constitui uma competência transversal, que não só promove a autonomia individual, como contribui para a estabilidade e sustentabilidade económicas de um país.

A literacia financeira pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, atitudes e comportamentos que permitem aos indivíduos tomar decisões conscientes e informadas, em diferentes contextos financeiros, promovendo assim o seu bem-estar económico. Envolve, não apenas, o domínio de conceitos e instrumentos financeiros, mas também a motivação e a confiança necessárias para aplicar esse conhecimento na vida quotidiana. Saber planear, poupar, investir de forma adequada, ou recorrer ao crédito de forma responsável são atitudes fundamentais para alcançar uma vida financeira equilibrada.

Num contexto de crescente oferta de produtos e serviços financeiros – muitos dos quais de elevada complexidade – é imperativo que os consumidores possuam as ferramentas necessárias para distinguir as várias alternativas e fazer escolhas alinhadas com os seus objetivos, tolerância ao risco e realidade económica. A tomada de decisões financeiras deixou de ser uma prerrogativa exclusiva dos especialistas: cada indivíduo, independentemente, do seu nível de rendimentos ou formação, é responsável pela gestão do seu património e pelas opções que faz.

A importância desta competência é, aliás, reconhecida a nível internacional. Organismos como a OCDE e o G20 têm vindo a reforçar a necessidade de implementar estratégias nacionais de educação financeira, promovendo o acesso equitativo a este tipo de conhecimento. A criação da International Network on Financial Education (INFE), da qual o Banco de Portugal é membro fundador, reflete a crescente preocupação global com os

baixos níveis de literacia financeira entre a população e o seu impacto na estabilidade económica geral.

Em tempos de incerteza económica, défices orçamentais e sobre-endividamento, compreender os princípios básicos da economia e das finanças pessoais é um passo essencial para garantir escolhas financeiras responsáveis e sustentáveis. Assim, esta dissertação pretende analisar de que forma a literacia financeira influencia a tomada de decisões dos indivíduos, destacando o seu papel na construção de uma cidadania económica mais informada, autónoma e resiliente.

O Banco de Portugal tem desenvolvido, há já vários anos, inúmeras iniciativas para melhorar a informação dos portugueses e o seu nível de literacia financeira. O BP tem newsletter Biblioteca, com publicações trimestrais.

Segundo Oliveira (outubro 2023), desde 2008, o Banco de Portugal (BdP) passou a ter responsabilidades na supervisão comportamental das instituições financeiras, missão que foi consolidada com a criação, em 2011, do Departamento de Supervisão Comportamental (DSC). Este departamento tem como função garantir que a conduta das entidades bancárias, na comercialização de produtos e serviços de retalho, seja adequada, transparente e conforme a legislação. Para isso, o BdP atua em dois eixos complementares: do lado da oferta, promovendo boas práticas junto das instituições supervisionadas; e do lado da procura, contribuindo para a formação de clientes mais informados e capazes de tomar decisões financeiras conscientes. A existência de assimetrias de informação nos mercados financeiros justifica uma intervenção ativa do Banco, tornando a promoção da literacia financeira um elemento central da sua missão e um contributo direto para a estabilidade do sistema financeiro.

No âmbito da promoção da literacia financeira, destaca-se a atuação da Unidade de Formação e Informação Financeira (UFIF), integrada na Área de Acompanhamento de Mercados e Formação Financeira do DSC. Esta unidade desenvolve atividades exclusivamente promovidas pelo BdP, dirigidas ao setor supervisionado, bem como iniciativas no âmbito do Plano Nacional de Formação Financeira (PNFF), coordenado em conjunto com a CMVM e a ASF. Desde o início deste plano, em 2011, o BdP tem assumido a presidência da respetiva Comissão de Coordenação.

A literacia financeira tem sido cada vez mais abordada no espaço público, sendo alvo de estudos e iniciativas promovidas por diversas entidades com o intuito de melhorar os níveis de conhecimento financeiro a nível nacional. No entanto, os dados mais recentes e a experiência no terreno revelam que ainda persiste um défice considerável neste domínio.

Durante o meu percurso académico no ensino superior, concretamente no ISCAP, aliado à minha experiência profissional no setor bancário, fui confrontada com inúmeras dúvidas e questões colocadas por colegas que, para mim, se tratava de conceitos financeiros do domínio comum. Esta constatação levou-me a refletir sobre o grau de literacia financeira dos estudantes do ensino superior, em particular dos alunos do ISCAP. A perceção que fui formando é a de que muitos destes jovens apresentam lacunas significativas em temas fundamentais da gestão financeira pessoal, como a poupança, a gestão do orçamento ou o funcionamento de produtos de crédito, o que pode comprometer não só a sua autonomia financeira, mas também as decisões que tomam no presente e no futuro, nomeadamente no que respeita ao empreendedorismo ou à criação de oportunidades.

Um estudo recente publicado pela MoneyLab (maio de 2024) e baseado no Eurobarómetro de 2023, conduzido pelo grupo de reflexão Bruegel para a Comissão Europeia, evidencia que Portugal ocupa uma das últimas posições em termos de literacia financeira entre os Estados-Membros da União Europeia. A média europeia situa-se nos 52%, e os dados sugerem uma necessidade urgente de intervenção. O mesmo estudo apresenta recomendações estratégicas, que vão desde a integração da literacia financeira no percurso escolar, desde o ensino básico até ao superior, até à sua inclusão como componente da formação ao longo da vida. Destaca-se também a importância de adaptar essas estratégias aos desafios da digitalização e de assegurar uma monitorização contínua dos níveis de literacia financeira nos diferentes países.

Tendo em conta este enquadramento, o presente trabalho tem como objetivo central compreender o nível de literacia financeira dos alunos do ISCAP e de que forma este conhecimento influencia as suas tomadas de decisão, tanto no plano pessoal, como no académico e profissional.

Para dar resposta a este objetivo geral, formulam-se as seguintes questões de investigação, que servirão de base à análise empírica e à revisão da literatura:

- Qual é o nível de literacia financeira dos alunos do ISCAP?

- Em que medida a literacia financeira (ou a falta dela) influencia as suas decisões quotidianas, como a gestão de poupanças, o recurso ao crédito ou a capacidade de planear investimentos?
- Será que determinados traços de personalidade influenciam o grau de literacia financeira?
- Existem áreas onde o desconhecimento é mais evidente, como no caso da poupança ou do crédito?
- Os estudantes demonstram interesse em adquirir ou aprofundar conhecimentos nesta área?

Este estudo pretende, assim, contribuir para uma melhor compreensão da realidade atual da literacia financeira entre os jovens do ensino superior, oferecendo pistas para futuras intervenções educativas e políticas públicas que promovam o desenvolvimento de competências financeiras desde cedo.

O presente trabalho que aqui se inicia está repartido em 4 capítulos. O primeiro capítulo apresenta e justifica a escolha do tema e a sua pertinência para a perceber o que é Literacia financeira e de que forma ela é entendida no seio da população académica do ISCAP.

No capítulo II, explicitaremos a metodologia «o modus operandi» escolhido na componente prática da investigação, para responder às questões de partida. Apresentaremos o problema, os objetivos do estudo, as variáveis, as hipóteses, bem como os procedimentos de recolha de dados, os instrumentos, as técnicas de análise estatística e a constituição da amostra.

No capítulo III, passaremos à apresentação, análise e discussão dos dados obtidos, a partir da recolha de informação e da literatura apresentada.

No capítulo IV, apresentaremos as principais conclusões do estudo, implicações para a prática profissional quer de assessoria de Administração, quer dos responsáveis pelos programas académicos, identificando também as respetivas limitações, sugestões para outras investigações.

Por fim, serão apresentadas as referências bibliográficas.

1.1. Literacia Financeira

Ao longo dos anos, a expressão «literacia financeira» ganhou corpo e foi sendo afinada por diversos autores. Existe, contudo, um denominador comum: três componentes aparecem repetidamente nas definições — conhecimento financeiro, atitudes em relação ao dinheiro e comportamentos financeiros (Cude, 2021). Isto é, não basta ‘saber’; é preciso ‘querer’ e, sobretudo, ‘fazer’ de forma consistente.

Num registo mais completo, Zaimović et al. (2023), descrevem a LF como um conjunto de conhecimentos, competências, atitudes e comportamentos que capacitam as pessoas a tomar decisões informadas e eficazes sobre o uso e a gestão do dinheiro. O objetivo último não é teórico: é promover bem-estar financeiro, resiliência económica e inclusão social. Em termos simples, a LF é o alicerce que nos ajuda a equilibrar o presente com o futuro, a evitar armadilhas e a aproveitar oportunidades.

Remund (2010), propõe uma visão operacional especialmente útil: a LF abrange o conhecimento de conceitos financeiros, a capacidade de comunicar sobre esses conceitos, a aptidão para gerir as finanças pessoais, a habilidade para tomar decisões apropriadas e a confiança para planear de forma efetiva para necessidades futuras. Nesta perspetiva, a literacia não é um ‘teste’ a passar, mas um conjunto de capacidades que evoluem com a experiência e que se traduzem em decisões melhores — do orçamento mensal ao crédito, da proteção por seguros ao investimento.

Embora as raízes da educação financeira sejam antigas — sob rótulos como ‘consumer economics’ ou ‘educação do consumidor’ —, foi na década de 1990 que o termo financial literacy ganhou visibilidade e referência política. Em 1995, a Jump\$tart Coalition, nos Estados Unidos, assumiu explicitamente este rótulo e puxou a integração da educação financeira nos currículos escolares. No Reino Unido, a partir de 2003, a então Financial Services Authority (FSA) enquadrou uma estratégia nacional para a financial capability, procurando medir e desenvolver competências financeiras da população adulta.

O movimento internacional amadureceu no virar do milénio. A OCDE, através da INFE, sistematizou conceitos, métricas e boas práticas. No relatório OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies (2016), a LF surge como a combinação de consciência, conhecimento, aptidões, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras e, em última instância, alcançar bem-estar económico. O resultado é

claro: não chega decorar termos — é preciso aplicá-los no dia a dia, com atitudes e comportamentos que protejam o futuro financeiro.

Em Portugal, a discussão académica e política ganhou força nos anos 2000 e consolidou-se após 2010. Do lado académico, multiplicaram-se estudos com jovens e adultos. Entre outros, trabalhos aplicados a alunos do 3.º ciclo e secundário (2013) evidenciaram preocupações com lacunas de conhecimento e a necessidade de oferta formativa estruturada. Tavares, Almeida e Soares aprofundaram junto da população adulta, mapeando comportamentos, atitudes e intenções financeiras.

Do lado institucional, Portugal passou a participar em avaliações internacionais como o PISA (módulo de literacia financeira, a partir de 2018), integrando uma leitura comparada do desempenho dos alunos. Em paralelo, a Estratégia Nacional de Formação Financeira (ENFF) e o Plano Nacional de Formação Financeira (PNFF) criaram um guarda-chuva de iniciativas coordenadas pelos supervisores. Em 2023, o Conselho Nacional de Supervisores Financeiros assinalou que Portugal ocupava o 13.º lugar entre 39 países no indicador global da OCDE/INFE — um progresso real, mas com margem de melhoria, sobretudo em grupos vulneráveis.

A Literacia revela-se de tal forma importante, que em 2024, foi Publicado em Diário da República, a 12 de agosto, o Despacho 9128/2024 onde se autoriza a realização de projetos-piloto relacionados com a inovação pedagógica. Este despacho, vai permitir que, a partir do ano letivo 2024/2025, seja conferida inteira autonomia às Escolas na conceção de programas — destinados às ofertas Científico-Humanísticas e Profissionais e adaptados às necessidades da comunidade educativa, bem como aos recursos disponíveis —, com o objetivo de contribuir para um espaço inclusivo, flexível, inovador e diferenciador, que vá de encontro aos desafios do mundo atual. Assim, o Ensino Secundário vai incluir, em regime de experiência, mais uma disciplina (obrigatória) na componente de formação comum — Literacias —, que permitirá o desenvolvimento das «competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória», e das aprendizagens variadas, vindas de várias áreas do saber, para que os alunos adquiram uma base realmente sólida e consistente.

A evolução do conceito e da sua aplicação pode ser lida numa linha do tempo simples (Quadro I):

Quadro 1 - Resumo cronológico da evolução da literacia

Ano	Evento Internacional	Evento em Portugal
1995	Fundação da Jump\$start Coalition (EUA) formaliza literacia financeira como conceito institucional.	
2000	Estratégias como a do Reino Unido para <i>financial capability</i> (FSA) em 2003.	
2010	OCDE/INFE e outros institutos começam avaliações regulares do nível de literacia em adultos; estudos académicos sobre literacia financeira proliferam	Estudos em escolas secundárias e terceiro ciclo (ex: 2013) começam a investigar conhecimentos financeiros.
2018	PISA incorpora literacia financeira como componente avaliativa; relatórios anuais da OCDE/INFE com comparações entre países.	Introdução formal do tema em currículos escolares dentro do domínio “Cidadania e Desenvolvimento”; participação nos inquéritos internacionais.
2024		Entrada em vigor, em regime de experiência, da disciplina obrigatória “Literacias” no Secundário.

O conceito de literacia financeira tem raízes mais antigas, mas a expressão institucionalizada e o seu uso nas políticas públicas emergiram claramente nos anos 1990–2000. As definições modernas (OCDE, Remund, Jump\$start) enfatizam não só o conhecimento, mas também atitudes, comportamentos e a capacidade de aplicar esse conhecimento. Em Portugal, embora existissem estudos dispersos mais cedo, só a partir da década de 2010 é que o tema passou a ter maior expressão académica e começou a ser integrado nas políticas de educação e medidas regulatórias.

A literacia financeira (LF) é muito mais do que «saber contas». É a competência que nos permite compreender, planear e agir em decisões que nos acompanham ao longo de toda a vida. Quando é sólida, está associada a escolhas de consumo e de poupança mais ponderadas, a investimentos mais adequados, a melhor proteção através de seguros e a um uso mais seguro dos serviços digitais. Quando falha, abre portas a custos evitáveis para as famílias e a efeitos negativos que se propagam à economia (Lusardi & Mitchell, 2014; Remund, 2010; OCDE/INFE, 2016; Santos, 2020; World Bank, 2022).

Podemos olhar para a LF a partir de três ângulos que se complementam. A teoria do capital humano lembra que investir em competências financeiras aumenta a qualidade das decisões e melhora a alocação dos recursos ao longo do tempo. O modelo do ciclo de vida explica como otimizamos consumo e poupança em diferentes fases; aqui, a LF reduz fricções de informação e de cálculo, aproximando a prática do ideal. A economia comportamental mostra, por sua vez, como heurísticas e vieses — da ancoragem ao presenteísmo, do excesso de confiança à aversão à perda — nos desviam do melhor caminho; combinada com

«arquiteturas de escolha» inteligentes (nudges), a LF ajuda a prevenir erros previsíveis (Lusardi & Mitchell, 2014; Thaler & Sunstein, 2008).

No dia a dia, esta competência traduz-se em três rotinas simples: orçamentar e automatizar (poupança programada, pagamentos atempados), comparar (TAEF, comissões, prazos) e gerir riscos (seguros ajustados e diversificação). Famílias com maior LF sentem mais controlo, lidam melhor com imprevistos e encaram o futuro com mais confiança (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE/INFE, 2016).

Mesmo em países com forte bancarização, a verdadeira inclusão depende de saber ler a linguagem técnica, navegar produtos complexos e reconhecer riscos digitais. A LF funciona como «chave de acesso» a soluções adequadas, evita dependência de crédito caro e reduz o stress financeiro, o incumprimento e, por arrasto, custos em saúde e apoio social (World Bank, 2022). Milhões de pequenas decisões prudentes somam-se em maior estabilidade: quando as taxas sobem ou o rendimento falha, quem tem LF ajusta despesas, renegocia créditos e evita pânico, o que ajuda a reduzir incumprimentos, litigância e custos de supervisão. A canalização da poupança para instrumentos transparentes e de baixo custo também melhora a eficiência da intermediação e apoia o crescimento (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE/INFE, 2016; World Bank, 2022).

A transformação digital trouxe conveniência — pagamentos instantâneos, carteiras digitais, open banking, plataformas «amigáveis» e BNPL —, mas também novas armadilhas: fraudes, custos pouco visíveis e decisões a um clique. Hoje, falar de LF é também falar de literacia digital: reconhecer sinais de fraude, usar autenticação forte, comparar propostas e ler a informação pré-contratual. Nudges como a poupança automática e a simplificação do disclosure reduzem a distância entre intenção e ação (Thaler & Sunstein, 2008; World Bank, 2022).

Os ganhos não se esgotam nas famílias. Trabalhadores com finanças pessoais estáveis faltam menos e concentram-se melhor; micro empreendedores com noções de tesouraria e custo de capital planeiam e sobrevivem mais. E ao evitar juros e comissões desnecessários, liberta-se rendimento para consumo e investimento (Lusardi & Mitchell, 2014; World Bank, 2022).

A relevância da LF pede medição séria. As boas práticas combinam indicadores de conhecimento (juro composto, inflação, risco/diversificação), comportamento (orçamento, poupança automática, comparação), atitudes (propensão para planear) e bem-estar (controlo,

resiliência). Os programas devem ser avaliados com antes/depois, grupos de comparação e seguimento aos 3–6 meses (OCDE/INFE, 2016; Santos, 2020).

Quando a LF é baixa, os custos são reais: crédito caro, ausência de fundo de emergência, seguros insuficientes, maior exposição a fraude e, socialmente, mais pressão sobre redes de apoio, mais instabilidade e mais litigância (World Bank, 2022). Daqui resulta uma agenda pública integrada: escola (conteúdos práticos e ligação à literacia digital), comunidade (municípios, IPSS), trabalho (finanças pessoais e proteção do rendimento), proteção do consumidor (transparência, comparadores) e segmentação (jovens, seniores, rendimentos mais baixos, empreendedores) — sempre com linguagem simples e checklists para decisões de alto impacto (OCDE/INFE, 2016; Santos, 2020).

Caixas práticas (ilustrativas):

– Orçamento apertado e proposta tentadora de crédito pessoal: comparar TAEG e custo total, ponderar adiar a compra e priorizar o fundo de emergência tende a reduzir o custo financeiro e a aumentar a resiliência.

(Exemplos análogos aplicam-se a compras BNPL, contratação de seguros e escolhas de investimento.)

Guias rápidos (checklists):

– Antes do crédito: confirmar TAEG, custo total, penalizações e simular +2 p.p. na taxa.

– Antes de investir: clarificar objetivo, prazo e tolerância ao risco; diversificar; comparar custos.

– Todos os meses: orçamentar, automatizar poupança, rever seguros e atualizar práticas de segurança digital.

A LF é um bem público com retornos privados e sociais. No indivíduo, traduz-se em controlo, resiliência e progresso; na sociedade, em inclusão e proteção do consumidor; na economia, em intermediação mais eficiente, produtividade e crescimento (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE/INFE, 2016; Santos, 2020; World Bank, 2022).

Na passagem para a vida adulta, os jovens enfrentam decisões com impacto duradouro — abrir contas, escolher meios de pagamento, ponderar créditos (propinas, consumo, BNPL),

iniciar poupança e experimentar investimento — num ambiente digital de fricção quase nula e informação desigual. Portugal surge alinhado com a média da OCDE na literacia financeira dos alunos de 15 anos (494 pontos no PISA 2022), mas com heterogeneidades socioeconómicas e sinais de estagnação face a 2018, o que reforça a necessidade de estratégias pedagógicas mais práticas (IAVE, 2024; MEci, 2024; OCDE, 2024).

A juventude é uma janela crítica: quem aprende cedo a orçamentar, poupar automaticamente, comparar custos e ler contratos leva esses hábitos consigo. Em mercados como o crédito à habitação — muitas vezes contratado no início de carreira — perceber TAEG, taxa fixa/variável, prazos, amortizações e sensibilidade a subidas de taxa é determinante. O 4.º Inquérito à Literacia Financeira (2023) confirma a associação entre conhecimentos/atitude e bem-estar, mas aponta lacunas persistentes em juro composto e diversificação — precisamente temas que os jovens usam primeiro (CNSF, 2024).

Os dados PISA 2022 colocam Portugal no grupo intermédio-alto, mas com disparidades por estatuto socioeconómico, sublinhando o papel da escola como niveladora (IAVE, 2024; OCDE, 2024). O PNFF 2021–2025 priorizou parcerias e aposta digital, em linha com o recurso dos jovens a pagamentos instantâneos, carteiras digitais e plataformas «amigáveis» (CNSF, 2021). Mais recentemente, o Despacho n.º 9128/2024 criou a disciplina Literacias no Secundário (regime experimental), permitindo integrar transversalmente a LF com autonomia para adaptação local (Diário da República, 2024; MEci, 2024).

Os desafios atuais combinam atrito mínimo (gastar é fácil e invisível), desintermediação informativa (conteúdos de qualidade desigual, promessas de «rentabilidade garantida», BNPL «suave») e risco digital (phishing, engenharia social). Daqui resulta uma visão integrada: LF + literacia digital, para reconhecer fraudes, usar 2FA, confirmar fontes e comparar custos totais (OCDE/INFE, 2016; World Bank, 2022). O Global Findex 2021 mostra a forte expansão de pagamentos digitais; sem competências e proteção, mais acesso não significa melhor bem-estar (World Bank, 2022).

O que funciona? Conteúdos cognitivos (conceitos-chave) combinados com componentes comportamentais (orçamento, automatização, checklists) e metodologias ativas (simulações, casos, jogos), organizados em módulos curtos ao longo do ano, com avaliação antes/depois e seguimento a 3–6 meses (OCDE/INFE, 2016). Em Portugal, a integração via Literacias e

a rede PNFF (Todos Contam) facilitam pontes escola–família–comunidade (CNSF, 2021; DGE, 2021).

Prioridades práticas incluem: crédito responsável (dívida «boa» vs. crédito caro; TAEG; prazo; amortização; sensibilidade à Euribor), poupança e fundo de emergência (automatizar 5–10%; objetivos SMART; contas separadas), investimento básico (diversificação, custos, horizonte e risco), proteção/seguros (coberturas e exclusões), literacia digital (2FA, passwords robustas) e cidadania financeira (ler informação pré-contratual, conhecer direitos). Estas áreas respondem às lacunas identificadas no Inquérito 2023 e ao padrão de uso intensivo de soluções digitais (CNSF, 2024; World Bank, 2022).

Como nem todos partem do mesmo sítio, importa segmentar: adaptar linguagem e exemplos, usar projetos de proximidade (autarquias, IPSS) e mentoria entre pares (OCDE, 2024; IAVE, 2024). Para garantir qualidade, propõe-se um conjunto mínimo de indicadores de conhecimento, comportamento, atitudes e bem-estar, com desenhos antes/depois, grupo de comparação e seguimento a 3–6 meses — dashboards simples ajudam escolas e municípios a monitorizar (OCDE/INFE, 2016; CNSF, 2024). A disciplina Literacias abre a porta a projetos autênticos, parcerias locais e avaliação por portefólio, alinhando escola e vida real (Diário da República, 2024).

Para compreender os padrões de decisão de estudantes em Portugal, é útil cruzar três perspetivas: a desenvolvimental (autocontrolo, perceção de risco, formação de hábitos), a comportamental (heurísticas e vieses) e a socio-tecnológica (pagamentos instantâneos, carteiras digitais, investimento por app, BNPL) (Kahneman, 2011; Thaler & Sunstein, 2008; World Bank, 2022). A evidência nacional ecoa a internacional: conhecimentos heterogéneos, forte exposição digital e hábitos em consolidação, com desigualdades por contexto e área de estudo (CNSF, 2024; OCDE, 2024; Sarabando, 2023).

A Geração Z cresceu com internet móvel e pagamentos digitais. Isso cria expectativas de imediatismo e baixa tolerância à fricção, o que, nas finanças pessoais, favorece decisões de curto prazo. Há também elevada autoeficácia digital e dependência de fontes online (tutoriais, «finfluencers») com qualidade desigual, terreno fértil para efeito manada e excesso de confiança (Kahneman, 2011). Estudos com universitários em Portugal identificam lacunas em juro composto, TAEG e diversificação, bem como confiança desajustada ao decidir em ambientes digitais (Sarabando, 2023). No secundário, o PISA

2022 mostra desempenho global médio-OCDE, mas com fortes disparidades socioeconómicas (OCDE, 2024).

Sob pressão de tempo e atenção, recorreremos a atalhos mentais. Entre estudantes, destacam-se: ancoragem (focar na prestação e ignorar custo total), presenteísmo (dar mais peso ao imediato), excesso de confiança (achar que se «bate o mercado» ou que se evita fraude), aversão à perda (evitar investimentos adequados por receio de oscilações) e efeito manada. Ajustes simples na arquitetura de escolha — poupança automática, alertas de custo total, checklists antes de crédito — reduzem erros previsíveis, sobretudo quando combinados com ensino de conceitos-chave (OCDE/INFE, 2016; Thaler & Sunstein, 2008).

A tecnologia reduz a «dor de pagar» e incentiva micro-compras. O BNPL fragmenta custos e mascara o esforço total; as plataformas de investimento, com grafismos em tempo real e notificações, podem estimular overtrading, corroendo retornos. Do lado da segurança, phishing, spoofing e engenharia social exploram urgência e confiança excessiva; boas práticas (2FA, verificação de remetentes/URLs, atualizações) reduzem fortemente o risco (World Bank, 2022). Em Portugal, campanhas dos supervisores e o PNFF colocam a literacia digital no centro da proteção do consumidor (CNSF, 2021, 2024).

No comportamento observável, surgem padrões recorrentes: orçamentação reativa, pouca poupança automática, preferência por meios digitais com baixa consciência do custo marginal das micro-compras, recurso a crédito de curto prazo como «amortecedor», informação desintermediada e pouca procura de aconselhamento formal ou simuladores institucionais (CNSF, 2024; OCDE, 2024; Sarabando, 2023). Há diferenças por área de estudo, condição socioeconómica, situação trabalho-estudo e residência (deslocados enfrentam custos fixos mais altos e precisam de planeamento mais fino) (OCDE, 2024; CNSF, 2024).

Cinco alavancas mostram impacto consistente: (1) orçamento de uma página com automatização da poupança; (2) checklists para decisões de alto impacto; (3) feedback frequente (dashboards e alertas de picos de despesa); (4) segurança digital «por defeito»; (5) aconselhamento e mentoria entre pares, articulados com serviços de ação social (CNSF, 2021, 2024; OCDE/INFE, 2016; Thaler & Sunstein, 2008). Para medir progresso, vale acompanhar conhecimento, comportamento, atitudes e bem-estar, com antes/depois e seguimento (OCDE/INFE, 2016).

Casos ilustrativos

- BNPL em cadeia: parcelas «sem juros» acumulam-se e ultrapassam a capacidade; uma checklist prévia teria evitado o erro.
- Crédito à habitação no início de carreira: simular +2 p.p. na Euribor expõe o risco de esforço excessivo e orienta prazo, colchão de emergência e, se necessário, taxa fixa.
- Investimento gamificado: trocar concentração num ativo «da moda» por uma carteira diversificada e de baixo custo com horizonte de cinco anos.

Para políticas e instituições, a receita é clara: integrar gestão financeira nas Literacias com projetos de serviço e avaliação autêntica; articular com o PNFF e supervisores (recursos oficiais, simuladores, campanhas anti-fraude); segmentar intervenções (apoio específico a deslocados e trabalhadores-estudantes); e instituir nudges (poupança automática, comparadores padrão, alertas de custo total).

Ao longo desta investigação, tornou-se pertinente analisar e comparar outros estudos académicos desenvolvidos em Portugal sobre literacia financeira, com o intuito de situar o presente trabalho no panorama mais alargado da investigação nacional.

Um dos estudos mais recentes foi desenvolvido por Pedro Antunes na Universidade do Minho (2024). O autor analisou a influência da literacia financeira em diferentes dimensões do comportamento económico, nomeadamente no planeamento da reforma, na poupança e no investimento. A sua abordagem quantitativa procurou identificar correlações entre o nível de conhecimento financeiro e a capacidade de planear o futuro, revelando que indivíduos com maior domínio dos conceitos financeiros tendem a apresentar comportamentos mais prudentes e orientados para o longo prazo.

Outro contributo relevante é o de Afonso (2024), cujo estudo teve como foco compreender as razões que justificam o afastamento dos portugueses do mercado acionista, apesar de este representar, historicamente, um dos instrumentos mais consistentes de preservação e valorização do capital. A investigação destacou fatores como o medo de risco, a baixa confiança nas instituições financeiras e a falta de literacia sobre os mecanismos de funcionamento dos mercados.

A estas investigações, junta-se ainda a dissertação de Catarina Ferreira (2023), realizada no Instituto Politécnico de Lisboa, que explorou o impacto da literacia financeira na autonomia económica dos jovens adultos. O seu estudo revelou que, embora os jovens demonstrem interesse em aprender sobre finanças, persistem lacunas na aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, sobretudo em áreas como o crédito e a gestão de poupança. De forma semelhante, André Silva (2022), na Universidade do Porto, analisou as diferenças de literacia financeira entre estudantes de diferentes áreas académicas, concluindo que os alunos das ciências económicas apresentam níveis de literacia mais elevados, mas também maior propensão ao excesso de confiança, um traço que pode conduzir a decisões de investimento menos prudentes.

Ao contrário destes estudos, que analisam a literacia financeira em populações mais amplas ou focadas em aspetos macroeconómicos, o presente trabalho centra-se de forma mais delimitada e aprofundada na realidade dos alunos do ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. O objetivo é compreender como os traços de personalidade dos estudantes influenciam o seu nível de conhecimento financeiro e, consequentemente, as suas decisões económicas e comportamentos de gestão financeira.

Assim, compreender a tomada de decisão no contexto da literacia financeira e do empreendedorismo implica reconhecer a interdependência entre cognição, emoção, personalidade e contexto. A decisão financeira — seja aplicar poupança, assumir crédito, investir ou iniciar um negócio — não é apenas um cálculo matemático: é um ato humano profundamente influenciado por crenças, experiências passadas e perceção de risco.

1.2. Traços de personalidade

A personalidade influencia como aprendemos, processamos e aplicamos conhecimentos financeiros. Duas pessoas com o mesmo nível de LF podem comportar-se de forma muito distinta por diferenças em conscienciosidade, impulsividade, locus de controlo, tolerância ao risco ou autoconfiança. Também explica quem beneficia mais de programas e que desenho pedagógico maximiza efeitos (Lusardi & Mitchell, 2014; Stolper & Walter, 2017).

A personalidade humana tem sido amplamente estudada como um conjunto de características psicológicas relativamente estáveis que influenciam o comportamento, a perceção e o processo de tomada de decisão dos indivíduos (Costa & McCrae, 1992; John & Srivastava, 1999). Entre os modelos teóricos mais aceites na literatura científica destaca-

se o Modelo dos Cinco Grandes Traços de Personalidade (Big Five), considerado o enquadramento mais robusto e empiricamente validado para a compreensão das diferenças individuais (Goldberg, 1990; McCrae & Costa, 2003). As raízes deste modelo remontam aos trabalhos de Raymond Cattell (1943), que identificou dezasseis dimensões primárias de personalidade através da análise fatorial de descritores linguísticos. Posteriormente, Tupes e Christal (1961), sintetizaram essas dimensões em cinco fatores fundamentais, estrutura que viria a ser confirmada e consolidada por Lewis Goldberg (1981, 1990), responsável pela popularização da designação Big Five. A operacionalização moderna do modelo deve-se, contudo, a Paul Costa e Robert McCrae (1985, 1992), que desenvolveram o instrumento NEO Personality Inventory (NEO-PI-R), permitindo medir empiricamente os cinco traços e as respetivas facetas. De acordo com este modelo, a personalidade pode ser descrita em cinco dimensões fundamentais:

- Abertura à Experiência, associada à curiosidade intelectual, imaginação e flexibilidade cognitiva;
- Conscienciosidade, relacionada com autodisciplina, organização e sentido de responsabilidade;
- Extroversão, que reflete sociabilidade, assertividade e energia;
- Amabilidade, que traduz empatia, gentileza e cooperação;
- Neuroticismo, caracterizado por instabilidade emocional, ansiedade e vulnerabilidade ao stress (Costa & McCrae, 1992; John & Srivastava, 1999).

Nos últimos anos, este modelo tem sido progressivamente aplicado em áreas fora da psicologia tradicional, nomeadamente nos estudos sobre comportamento económico e literacia financeira. A literatura evidencia que os traços de personalidade exercem uma influência significativa sobre a forma como os indivíduos gerem o dinheiro, planeiam o futuro e tomam decisões financeiras (Brown & Taylor, 2014; Lusardi & Mitchell, 2014; Stolper & Walter, 2017).

Figura 1 - Modelo dos cinco grandes traços de personalidade (Big Five)



No modelo dos BIG5, a conscienciosidade — organização, autodisciplina, foco em metas — é o melhor preditor de comportamentos prudentes: planejar, poupar regularmente, pagar a tempo e comparar alternativas. Já o neuroticismo liga-se a ansiedade financeira e decisões reativas; a abertura à experiência pode estimular procura de informação e diversificação, desde que temperada por regras simples de gestão de risco. Em suma, a LF «ganha tração» quando assenta em traços que favorecem planeamento e autodisciplina (Brown & Taylor, 2014; Lusardi & Mitchell, 2014).

O autocontrolo é transversal: explica diferenças robustas em orçamento, poupança e dívida, especialmente entre jovens, mais propensos a preferir o presente — uma tendência amplificada por pagamentos digitais instantâneos. Programas que combinam conteúdos de LF com «travões» comportamentais (poupança automática no dia do recebimento, regra das 24 horas para compras discricionárias, alertas de custo total, simulações de cenários adversos) superam os que apenas transmitem informação (Duckworth & Gross, 2014; Fernandes et al., 2014; Tangney et al., 2004; Thaler & Sunstein, 2008).

O locus de controlo mais interno associa-se a maior poupança, planeamento e procura de informação; um locus mais externo tende a adiar decisões e a aceitar condições menos favoráveis (Cobb-Clark et al., 2016). A autoeficácia — acreditar «sou capaz» — facilita

aplicar competências: escolher contas, negociar crédito, investir com custos e prazos alinhados. Reforça-se com experiências de sucesso graduais, feedback frequente, mentoria e contextos autênticos (simuladores, casos).

A tolerância ao risco e a aversão à perda modulam a passagem do conhecimento à carteira real: perfis muito avessos à perda subinvestem mesmo quando o horizonte o justificaria; perfis com excesso de confiança concentram-se em «modas» e ignoram custos. A numeracia — lidar com números e proporções — melhora comparações de TAEG, custos e probabilidades. Materiais que reduzem carga cognitiva (tabelas comparativas, cálculos pré-preenchidos, gráficos) ajudam a converter LF em decisões (Stolper & Walter, 2017; Van Rooij et al., 2011).

A confiança financeira tem um «ponto ótimo»: demasiado baixa paralisa; demasiado alta leva a overtrading e subestimação de riscos. O objetivo é calibrar confiança com feedback objetivo, checklists e «pontos de paragem» antes de decisões críticas (Stolper & Walter, 2017).

Daqui nasce um modelo de duas alavancas: (1) conhecimento (LF) e (2) arquitetura comportamental adaptada ao traço. Em perfis pouco conscienciosos, dá-se primazia à automatização e a micro-hábitos; em perfis com neuroticismo elevado, propõem-se tarefas curtas e progressivas com apoio social; em perfis muito abertos, canaliza-se a curiosidade para simulações com limites claros (Fernandes et al., 2014; Thaler & Sunstein, 2008;).

Na prática, mede-se de forma parcimoniosa: escalas Big Five curtas (BFI-10/20), Self-Control Scale (Tangney et al., 2004), medidas de locus de controlo/autoeficácia e itens simples de numeracia combinadas com indicadores comportamentais e de bem-estar em desenhos antes/depois com seguimento a 3–6 meses. A segmentação deve evitar rótulos rígidos e preservar a autonomia (OCDE/INFE, 2016).

Escolas e universidades podem integrar a dimensão socio-emocional nas Literacias e em atividades extracurriculares; usar mentoria entre pares; promover projetos autênticos (orçamento em família, simulações) e aplicar checklists e feedback imediato antes de decisões de alto impacto. Municípios e serviços de ação social podem organizar ciclos curtos com nudges implementáveis; supervisores e reguladores devem reforçar transparência pré-contratual, promover comparadores independentes e arquiteturas favoráveis (poupança

automática quando legalmente viável), avaliando com módulos de traços e indicadores de comportamento (Lusardi & Mitchell, 2014; Stolper & Walter, 2017).

1.3. Literacia financeira e personalidade

Os traços de personalidade podem ser considerados como características psicológicas que se associam a padrões de pensar, sentir e agir. Uma das teorias mais conhecidas é a teoria dos «Big Five» (Costa & McCrae, 1986, 1989, 1992). que agrupa as personalidades em cinco dimensões gerais: abertura à experiência, (Openness); conscienciosidade (Conscientiousness); extroversão (Extroversion); amabilidade (Agreeableness) e neuroticismo (neuroticism). Cada pessoa varia em termos de traço, formando um padrão único, que lhe conferiria um determinado perfil de personalidade, que tem associado uma certa constância no tempo deste padrão comportamental. Segundo os autores a abertura à experiência está associada à curiosidade, criatividade e imaginação; a conscienciosidade está associada à organização, disciplina e responsabilidade; a extroversão está associada à sociabilidade, assertividade e energia social; a amabilidade está associada à cooperação, empatia e bom relacionamento com os outros; e o neuroticismo está associado à tendência a ter emoções negativas como ansiedade, instabilidade e irritabilidade.

A evidência é consistente: níveis mais elevados de LF associam-se a mais planeamento, poupança regular, esquivar-se à dívida cara, diversificação e proteção do rendimento e do património; níveis mais baixos de LF andam a par de vulnerabilidade e erros repetidos (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE/INFE, 2016; World Bank, 2022).

Como é que a LF «mexe» com as decisões? Por três vias: 1) capacidades cognitivas e numeracia (compreender juro composto, inflação, TAEG, risco/retorno e diversificação); 2) atitudes e crenças (preferência por planear, locus de controlo mais interno, confiança calibrada); e 3) arquitetura de escolha/hábitos (poupança automática, checklists, disclosures simples e «pontos de paragem» em apps) (Cobb-Clark et al., 2016; Fernandes et al., 2014; Lusardi & Mitchell, 2014; Remund, 2010; Stolper & Walter, 2017; Thaler & Sunstein, 2008).

No plano micro, inquéritos e experiências naturais mostram ligações robustas entre LF e planeamento da reforma, poupança acumulada, participação/diversificação em mercados e atenção a custos (Lusardi & Mitchell, 2014; Van Rooij, Lusardi, & Alessie, 2011). Meta-análises indicam que programas bem desenhados — práticos, repetidos, com feedback —

têm efeitos significativos, sobretudo quando combinam literacia com nudges (Fernandes, Lynch, & Netemeyer, 2014; Kaiser & Menkhoff, 2017, 2020). No agregado, países com mais inclusão e competências exibem menos uso de crédito de alto custo, intermediação mais transparente e maior resiliência (OCDE/INFE, 2016; World Bank, 2022).

Os ganhos são claros em domínios críticos: no crédito ao consumo e à habitação, maior LF traz mais comparação, atenção a TAEG e simulação de cenários de taxa, reduzindo o risco de sobre-esforço na poupança, o orçamento e a automatização elevam o bem-estar; no investimento e reforma, a LF prevê participação, diversificação e atenção a custos; na proteção, evita subcobertura; no digital, diminui a vulnerabilidade a fraudes (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE/INFE, 2016; Van Rooij et al., 2011; World Bank, 2022). Os efeitos não são iguais para todos. Jovens e adultos de baixo rendimento, famílias expostas a taxa variável, novos investidores e micro empreendedores costumam beneficiar mais.

Os traços de personalidade modulam resultados: perfis pouco conscienciosos ganham com automatização; perfis muito avessos à perda (neuroticismo elevado) precisam de treino de tolerância ao risco e enquadramento temporal (Stolper & Walter, 2017; Thaler & Sunstein, 2008). Há cautelas: os efeitos dissipam-se sem repetição e ligação a decisões reais; informação em excesso, sem estrutura, pode pouco alterar comportamentos; programas «tamanho único» perdem rendimento — segmentar por momentos de vida e perfis aumenta eficácia (Fernandes et al., 2014; Kaiser & Menkhoff, 2020; Thaler & Sunstein, 2008).

Num estudo levado a cabo por Ozer e Mutlu (2019), com uma amostra de 1347 participantes investidores, as dimensões de traços de personalidade como conscienciosidade, amabilidade e abertura à experiência mostraram efeitos positivos e significativos no comportamento financeiro, não tendo sido encontradas relações na extroversão e neuroticismo.

Uma maior literacia financeira, aliada à conscienciosidade, leva a uma melhor gestão financeira, planeamento a longo prazo e a um maior bem-estar financeiro, pois pessoas conscienciosas são mais propensas a aplicar o conhecimento financeiro adquirido de forma prática. Pessoas com alta amabilidade, que são empáticas e cooperativas, podem ter uma abordagem mais colaborativa na gestão das finanças (no entanto, a amabilidade pode levar a comportamentos financeiros menos ideais, como ceder às necessidades dos outros, o que pode afetar a poupança e o planeamento financeiro, especialmente se não forem estabelecidos limites claros). Um indivíduo com alta abertura à experiência é mais propenso

a assumir riscos financeiros, como investimentos em renda variável, enquanto a literacia financeira permite que essa pessoa tome decisões mais informadas e conscientes para gerir esses riscos.

Embora neste estudo de Ozer e Mutlu (2019), não tivessem sido encontradas correlações significativas entre literacia financeira e a extroversão e o neuroticismo, elas podem existir num plano teórico, e mesmo empírico, como outros estudos suportam. Com efeito, a extroversão pode ter um impacto contraditório na literacia financeira: por um lado, a sociabilidade e assertividade podem levar a um maior ganho de rendimento e a uma melhor rede de contactos, que podem ser benéficos para a riqueza. Por outro lado, a *extroversão* tem sido associada a um maior volume de ativos financeiros e dívidas, além de um risco.

Pessoas com altos níveis de neuroticismo podem ter mais dificuldade em tomar decisões financeiras racionais devido à ansiedade, pessimismo e medo, o que pode ser mitigado com uma boa educação financeira. Por outro lado, o neuroticismo também pode levar as pessoas a serem mais cautelosas e a procurar segurança em produtos financeiros mais estáveis, como a renda fixa, e o conhecimento financeiro pode ajudar a gerir estas emoções e evitar decisões impulsivas.

Será que as dimensões da personalidade definidas pela teoria do modelo dos BIG5, são preditores significativos de literacia financeira?

O traço de personalidade mais robustamente associado a uma maior literacia financeira e a comportamentos financeiros prudentes em estudantes do ensino superior, tem sido a conscienciosidade. Estudantes com altos níveis de conscienciosidade tendem a ser organizados, responsáveis, disciplinados e orientados para o futuro, aparecendo positivamente correlacionada com a LF (aprendem mais sobre finanças, maior capacidade de planeamento e poupança e menor endividamento), mas também são preditores dessa mesma LF (Furnham, 2014; Ghaffar, Khattak, Shah, & Jehangir, 2024; Lown, 2011).

O neuroticismo está geralmente associado a emoções negativas como ansiedade, depressão e instabilidade emocional, sugerindo a literatura uma correlação negativa com a LF e um impacto negativo no comportamento financeiro, também a menor conhecimento financeiro e a comportamentos impulsivos em momentos de maior *stress* e instabilidade emocional. têm explorado como altos níveis de neuroticismo podem levar a decisões financeiras mais arriscadas ou a menor otimização de recursos, especialmente sob pressão, o que é relevante

para estudantes que enfrentam a gestão de empréstimos e despesas pela primeira vez (Obenza, et al., 2024).

No traço de Abertura à Experiência, os estudantes com alta abertura são mais curiosos, imaginativos, intelectuais e valorizam a variedade e novas experiências, procurando por mais informação financeira, e com maior probabilidade de investimento em ativos mais complexos, contudo este traço pode ser uma «espada de dois gumes», no sentido em que também pode estar associada a uma maior predisposição para experimentar investimentos de alto risco (Shanmugam, et al., 2022).

Já tínhamos visto anteriormente que a extroversão pode por um lado estar positivamente associada à LF devido à sociabilidade e busca de estímulos, o que pode ser bom devido à busca de oportunidades, mas também à impulsividade e aos riscos a ela associados (Ozer & Mutlu, 2019).

No que concerne à amabilidade como preditora de LF, os dados são controversos. Enquanto, a conscienciosidade aparece com alguma consistência em termos de resultados, a amabilidade oscila entre ter dificuldade em negociar, dizer «não» a pedidos de empréstimo ou em confrontar questões financeiras desagradáveis, a ser mais suscetíveis a esquemas fraudulentos ou a empréstimos a amigos/familiares sem a devida salvaguarda.

Compreender estas relações é fundamental para as instituições de ensino superior, pois pode conduzir ao desenvolvimento de programas de literacia financeira mais personalizados e eficazes, que levem em conta as diferentes predisposições de personalidade dos estudantes. Em suma, a evidência científica é clara: os traços de personalidade são fatores que moldam a literacia financeira e o comportamento financeiro dos estudantes do ensino superior.

Cenários ilustrativos:

- Crédito à habitação: simular +2 p.p. na taxa leva a ajustar prazo e planejar amortizações; optar só pela prestação mais baixa sem simular aumenta o risco de esforço insustentável (Lusardi & Mitchell, 2014).
- Poupança automática: quem automatiza 10% do salário constitui fundo de emergência e reduz crédito caro; «poupar se sobrar» resulta em oscilação e rotativo (Thaler & Sunstein, 2008).

– Investimento de longo prazo: LF + disciplina conduz a carteiras diversificadas e de baixo custo, evitando «modas» e overtrading (Van Rooij et al., 2011).

Implicações práticas:

– Política pública: informação pré-contratual simples e comparável (TAEG visível, custo total com cenários), nudges favoráveis (poupança automática, alertas em BNPL/cartões) e metas mensuráveis por segmento.

– Escola e comunidade: módulos curtos e práticos, simulações e casos, mentoria entre pares, indicadores de progresso e avaliação antes/depois com seguimento.

– Mercado e supervisão: comparadores independentes, educação financeira acessível, campanhas anti-fraude e monitorização de custos e boas práticas.

1.4. Tomada de Decisão e empreendedorismo

A tomada de decisão é um dos processos centrais do comportamento humano e assume especial relevância no contexto financeiro e empreendedor. Decidir implica escolher entre alternativas sob condições de risco, incerteza ou ambiguidade e essas escolhas raramente são totalmente racionais, tal como defendem Kahneman (2011) e Thaler e Sunstein (2008). As decisões económicas e empreendedoras são, por isso, influenciadas não apenas por conhecimento técnico, mas também por heurísticas cognitivas, emoções, traços de personalidade e perceções de controlo.

Segundo a teoria da racionalidade limitada de Simon (1987), as pessoas tomam decisões com base em informação incompleta, tempo limitado e capacidades cognitivas finitas, recorrendo muitas vezes a regras simples (heurísticas) em vez de cálculos complexos. Isto explica por que motivo muitos indivíduos, mesmo com escolaridade elevada, cometem erros previsíveis na gestão do dinheiro, como subavaliar juros, assumir riscos excessivos ou ceder a decisões impulsivas de consumo e crédito.

No domínio do empreendedorismo, estas limitações tornam-se ainda mais visíveis. O empreendedor decide frequentemente em condições de elevada incerteza, sem garantia de retorno e com necessidade de agir rapidamente (Busenitz & Barney, 1997). Nesse contexto, a decisão empreendedora depende tanto de processos cognitivos (análise, planeamento,

previsão) como de processos intuitivos (percepção de oportunidade, confiança, tolerância ao risco) (Shepherd, Williams, & Patzelt, 2015).

Estudos na área do empreendedorismo têm demonstrado que características individuais como o locus de controlo interno, a tolerância à ambiguidade e determinados traços de personalidade estão fortemente associados à forma como os indivíduos avaliam riscos e oportunidades (Rotter, 1966; Brandstätter, 2011). A abertura à experiência favorece a exploração de ideias novas; a conscienciosidade apoia a persistência e o planeamento; a extroversão facilita o acesso a redes e recursos; já o neuroticismo tende a comprometer a tomada de decisão pela ansiedade e aversão ao risco (Leutner et al., 2014; Rauch & Frese, 2007).

Neste sentido, a literacia financeira surge como fator moderador da tomada de decisão: conhecer conceitos como taxa de juro, diversificação ou custo do crédito permite reduzir os enviesamentos cognitivos e tomar decisões mais equilibradas e sustentáveis (Lusardi & Mitchell, 2014; OECD/INFE, 2016). A educação financeira não elimina os impulsos emocionais, mas ajuda a estruturar o processo de decisão e a antecipar consequências, contribuindo para escolhas mais alinhadas com os objetivos pessoais e profissionais.

Capítulo II – Metodologia de Investigação

Neste capítulo fundamentamos as opções metodológicas que considerámos mais adequadas para responder à questão de investigação, tendo por base o enquadramento teórico previamente apresentado sobre literacia financeira (LF) — entendida como combinação de conhecimentos, atitudes e comportamentos com impacto no bem-estar financeiro e na tomada de decisão (OCDE/INFE, 2016; Lusardi & Mitchell, 2014; World Bank, 2022). Começamos por explicitar o problema e a pergunta de partida, seguem-se os objetivos, as hipóteses e o paradigma metodológico. Por fim, detalhamos os procedimentos de recolha de dados, as considerações éticas, os instrumentos (questionário aplicado a estudantes do ISCAP) e os procedimentos estatísticos adotados com base nas 163 respostas obtidas. Concluimos com os procedimentos de recolha de informação, as considerações éticas, os instrumentos utilizados e os procedimentos estatísticos adotados.

2.1. Problema

Segundo Coutinho (2014), o problema “focaliza a atenção do investigador para o fenómeno em análise, desempenhando o papel de guia na investigação” (p.49). No presente estudo, o fenómeno que nos ocupa é a literacia financeira (LF) nos estudantes do ISCAP, em interação com traços de personalidade e padrões de tomada de decisão em finanças, num contexto marcado por pagamentos digitais quase sem fricção, oferta crescente de crédito ao consumo/BNPL e ambientes informacionais desintermediados (OCDE/INFE, 2016; World Bank, 2022).

A literatura recente mostra que a LF—entendida como combinação de conhecimentos, atitudes e comportamentos—associa-se a decisões mais ajustadas (orçamentação, poupança automática, comparação de custos, diversificação) e a maior bem-estar financeiro, enquanto lacunas de literacia aumentam a vulnerabilidade a crédito caro, decisões impulsivas e risco digital (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE/INFE, 2016). Em estudantes, esta relação cruza-se com traços como conscienciosidade e neuroticismo, frequentemente ligados a disciplina financeira ou ansiedade face ao dinheiro, e com contextos de decisão marcados por pagamentos digitais e BNPL.

Nesta lógica, delimitamos o nosso objeto de estudo à população estudantil do ISCAP, procurando medir conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros, e relacioná-los com traços de personalidade e a sua influência nas tomadas de decisão. Assim, formulamos a questão de investigação: Como se relacionam os níveis de literacia financeira

(conhecimento, atitudes e comportamentos) com traços de personalidade e tomada de decisão em estudantes?

2.2. Objetivos

De acordo com Reis (2022), os objetivos gerais traduzem o resultado a alcançar e os específicos operacionalizam esse caminho.

Objetivo geral:

Analisar a relação entre literacia financeira e os traços de personalidade em estudantes do ISCAP, e de que forma essas variáveis atuam nas tomadas de decisão.

Objetivos específicos:

1. Descrever níveis de conhecimento, atitudes e comportamentos de LF na amostra;
2. Caracterizar traços de personalidade (modelo dos Cinco Grandes/Big Five) e indicadores de autorregulação financeira (p. ex., impulsividade/ansiedade com dinheiro);
3. Testar associações entre LF, traços de personalidade e comportamentos financeiros;

2.3. Hipóteses

Seguindo Saunders et al. (2023), as hipóteses são proposições suscetíveis de confirmação ou refutação com o desenvolvimento empírico.

H1. A literacia financeira está positivamente relacionada com os traços de personalidade de Abertura à Experiência e Extroversão.

H2. A literacia financeira está negativamente relacionada com os traços de personalidade de Neuroticismo e Conscienciosidade.

H3. O Neuroticismo e a Conscienciosidade são preditores de menor empreendedorismo.

2.4. Paradigma metodológico

O estudo é descritivo-correlacional, com abordagem quantitativa, enquadrado no paradigma positivista (Coutinho, 2014; Meirinhos & Osório, 2010; Saunders et al., 2023). A

temporalidade é transversal (um único momento de medição; Fowler, 2009). O modelo conceitual considera:

LF (conhecimento básico + comportamentos de gestão),

Traços de personalidade (Big Five e indicadores de autorregulação/ansiedade com dinheiro),

Tomada de decisão (orçamento, poupança, crédito/BNPL, produtos/investimento), controlando por variáveis sociodemográficas/ocupacionais.

Reconhece-se, contudo, que abordagens estritamente quantitativas podem reduzir a complexidade humana a métricas, com risco de respostas superficiais ou enviesadas por formulação (Meirinhos & Osório, 2010; Taherdoost, 2021). Para mitigar, investimos na clareza dos itens, pré-teste, e triangulação básica de indicadores objetivos e auto-reportados.

2.5. Procedimento de recolha de dados e considerações éticas

Optou-se por um inquérito por questionário por permitir recolher volume informativo com boa representatividade interna da população estudantil e tratamento estatístico eficiente (Quivy & Campenhoudt, 2013; Saunders et al., 2023; Taherdoost, 2021). O instrumento foi construído em Google Forms e pré-testado com estudantes do ISCAP para assegurar validade de conteúdo e fiabilidade (Coutinho, 2014; Saris & Gallhofer, 2014). Após ajustes, a versão final foi divulgada por email institucional, foi também criado um QRcode, enquanto meios facilitadores para agilizar a pesquisa sem custos operacionais, tendo estado disponível entre 15 de setembro e 11 de outubro de 2025.

Constatámos, de imediato uma tímida adesão de participantes, por isso, reforçámos o pedido de participação, através de um email enviado ao Gabinete de Comunicação e Relações-Públicas do ISCAP. A intenção era criar o efeito de «bola de neve» que atraísse mais participantes. Como este estudo implica a participação de seres humanos, foi nossa preocupação cumprir todos os procedimentos éticos preconizados nas etapas do processo de investigação, desde a pertinência da problemática à validade dos resultados para o desenvolvimento do conhecimento, da escolha da metodologia aos instrumentos e processo de colheita de dados. Foi, ainda, garantida a confidencialidade da informação de cada participante através do tratamento das respostas anónimas obtidas coletivamente. A recolha

assegurou a participação voluntária, consentimento informado, anonimato e confidencialidade dos dados, em conformidade com princípios éticos e RGPD. O questionário foi pré-testado para aferir compreensão e tempo de resposta (Coutinho, 2014; Saris & Gallhofer, 2014). Obtivemos 163 respostas válidas.

2.6. Instrumentos

O Questionário sobre Literacia Financeira (Apêndice 1) teve a seguinte estrutura:

Parte 1 — Dados demográficos e ocupacionais

Sexo, idade (classes), nacionalidade, ano, nível de formação, curso, estatuto ocupacional (só estudante; estudante-trabalhador com/sem estatuto; desemprego; outra), escolaridade dos pais, coabitação.

Parte 2 — Variáveis de personalidade (autoavaliação)

(i) Itens breves de autorregulação/ansiedade face ao dinheiro (organização financeira, compras por impulso, foco no futuro, gosto por aprender finanças, ansiedade com dinheiro; Likert 1–5).

(ii) Lista alargada tipo Big Five (44 afirmações; dicotómica: V ou F) cobrindo extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência.

Parte 3 — Educação financeira no ensino

Experiência profissional na área financeira/bancária; exposição a conteúdos de LF (secundário, universidade, formação profissional, outros) e utilidade percebida.

Parte 4 — Conhecimentos básicos de LF

Conceito de LF (opção escolhida), taxa de juro, função do cartão de crédito (itens de escolha múltipla).

Parte 5 — Gestão pessoal de finanças

Método de gestão do orçamento (nenhum; papel; app; mental), dificuldades em pagar dívidas/faturas, hábito de poupar.

Parte 6 — Produtos bancários

Conta poupança; conceito de crédito pessoal.

Parte 7 — Investimentos e planeamento

Experiência de investimento (ações/fundos/PPR), conceito de diversificação, conhecimento/posse de PPR.

Parte 8 — Hábitos de crédito e consumo

Uso de crédito para compras; conforto em pedir empréstimo.

Importância da LF na vida académica/profissional; interesse em receber mais formação.

2.7. Procedimentos estatísticos e operacionalização das variáveis

Após a recolha, os dados foram exportados e tratados em IBM SPSS (v29):

2.7.1. Preparação e fiabilidade

- Limpeza de dados (omissões, inconsistências).
- Fiabilidade interna (α de Cronbach) para: subescala de autorregulação/ansiedade com dinheiro; dimensões Big Five.
- Verificação de pressupostos (normalidade aproximada; homogeneidade de variâncias para testes paramétricos).

2.7.2. Construção de índices/variáveis

- **LF_Conhecimento (0–N)**: número de respostas corretas nas questões de conhecimento (taxa de juro; cartão de crédito; conta poupança; diversificação; PPR; definição de LF quando aplicável).
- **LF_Comportamentos (0–N)**: indicadores de prática (orçamentação por papel/app; poupança mensal; comparação de produtos/TAEG quando inferível; não uso sistemático de crédito para consumo).
- **LF_Atitudes (1–5)**: média dos itens «penso no futuro financeiro», «gosto de aprender sobre temas financeiros», (reversão da) «ansiedade quando penso em dinheiro», etc.
- **LF_Global (0–100)**: padronização e combinação ponderada de conhecimento, comportamentos e atitudes (peso ajustado com base na fiabilidade e na literatura).
- **BNPL/Crédito**: uso (nunca/às vezes/frequente) e conforto em pedir empréstimo.
- **Orçamento/Poupança**: categorização do método de controlo e hábito de poupar.

- **Big Five:** scores por dimensão (média dos itens de cada traço; itens invertidos segundo chave standard usada no pré-teste).
- **Controlo sociodemográfico:** sexo, idade (classes), estatuto ocupacional, escolaridade parental, coabitação.

2.7.3. Análises

- Descritiva: frequências, médias/medianas, desvio-padrão, e distribuição por classes.
- Associações: correlações (Pearson/Spearman consoante pressupostos) entre LF_Global e comportamentos (orçamento/poupança/uso de crédito).
- Comparações entre grupos: t de Student / ANOVA (ou Mann-Whitney/Kruskal-Wallis), com Levene para variâncias; $p < .05$.
- Modelos explicativos: regressões lineares (e/ou logísticas quando variável dependente categórica) para testar o papel de LF e traços na tomada de decisão (p. ex., probabilidade de usar crédito para consumo).
- Tamanho do efeito: interpretação por Cohen (1988) (pequeno $\sim .10$; médio $\sim .30$; grande $\geq .50$).
- Dados em falta: exclusão por par (pairwise) quando $< 5\%$; análise de sensibilidade se necessário.

2.7.4. Amostra

A amostra é não probabilística por conveniência, composta por 163 estudantes do ISCAP que aceitaram participar e que responderam á totalidade do questionário. Esta opção maximiza viabilidade e rapidez; reconhece-se a limitação de generalização externa (Saunders et al., 2023).

A amostra é composta por 163 estudantes do ISCAP. Observa-se uma predominância de participantes do sexo feminino (74,8%) e com menos de 28 anos (81,6%). A maioria frequenta licenciatura (87,7%) e cerca de metade é apenas estudante (45,4%). A escolaridade parental apresenta valores médios, com destaque para o ensino básico no pai (54,6%) e o ensino secundário na mãe (36,8%). Quanto à habitação, a maioria dos estudantes reside com os pais (66,3%) (Tabela 1).

Tabela 1*Distribuição das variáveis sociodemográficas dos participantes (n = 163)*

Variável	Categoria	Porcentagem (%)
Sexo	Feminino	74,8
	Masculino	25,2
	Prefiro não dizer	0,0
Idade	Menos de 28 anos	81,6
	29 a 44 anos	9,8
	45 a 60 anos	8,6
	Mais de 61 anos	0,0
Formação académica	CTESP	1,0
	Licenciatura	87,7
	Mestrado	9,8
	Pós-graduação/MBA	1,5
Estatuto laboral	Só estudante (sem procura de emprego)	45,4
	Estudante-trabalhador (com estatuto oficial)	28,2
	Estudante-trabalhador (sem estatuto oficial)	19,0
	Outro / Desemprego	7,4
Escolaridade do pai	Ensino básico	54,6
	Ensino secundário	28,8
	Ensino superior	13,5
	Não sei / Prefiro não dizer	3,1
Escolaridade da mãe	Ensino básico	41,7
	Ensino secundário	36,8
	Ensino superior	19,0
	Não sei / Prefiro não dizer	2,5
Com quem habita	Com pais	66,3
	Com cônjuge / companheiro(a)	17,8
	Sozinho / Outros familiares / Amigos	15,9

Como podemos observar na Tabela 2, a maioria dos estudantes (cerca de dois terços) considera-se financeiramente organizada, sugerindo boas práticas de gestão do orçamento e controlo de despesas. Embora grande parte dos participantes declare evitar compras impulsivas, observa-se um grupo considerável ($\approx 40\%$) em posição neutra ou com tendência a ceder ao consumo imediato, o que indica margem de melhoria em autorregulação financeira — possivelmente associada a traços de impulsividade. O item “Penso no futuro financeiro com frequência” obteve a maior concentração de concordância ($\approx 70\%$ concordam e 78% concordam totalmente), evidenciando consciência de longo prazo e predisposição para o planeamento — um indicador relevante de literacia financeira positiva. Os estudantes demonstram curiosidade e motivação para aprender sobre finanças ($\approx 65\%$ concordam; 45%

concordam totalmente), refletindo atitude favorável à educação financeira, um fator facilitador para o desenvolvimento da literacia. Apesar do padrão globalmente positivo, cerca de 85% dos inquiridos referem algum grau de ansiedade perante questões monetárias (com destaque para 35% que “concordam totalmente”), revelando vulnerabilidade emocional face à gestão do dinheiro, possivelmente relacionada com incerteza económica ou experiências pessoais de escassez.

Os resultados indicam que os estudantes do ISCAP apresentam atitudes financeiras maioritariamente positivas — demonstram planeamento, interesse e responsabilidade — mas coexistem traços de ansiedade financeira e comportamentos impulsivos que podem comprometer a coerência entre o conhecimento e a ação financeira. Esta combinação reforça a relevância de intervenções educativas que articulem literacia financeira e competências socioemocionais (autocontrolo, confiança e gestão do stress financeiro).

Tabela 2

Distribuição das respostas às afirmações sobre atitudes financeiras (n = 163)

Afirmação	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo / Nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Sou uma pessoa organizada financeiramente.	5,0	20,0	30,0	65,0	45,0
Evito compras por impulso.	7,0	22,0	40,0	68,0	22,0
Penso no futuro financeiro com frequência.	4,0	6,0	20,0	70,0	78,0
Gosto de aprender sobre temas financeiros.	5,0	10,0	25,0	65,0	45,0
Sinto ansiedade quando penso em dinheiro.	10,0	20,0	40,0	50,0	35,0

Nota. Os valores representam as respostas em cada nível da escala Likert (1–5).

2.8. Limitações e qualidade metodológica

Assinalam-se: (i) desenho transversal (não permite inferir causalidade forte); (ii) auto-relato (risco de desejabilidade social/memória); (iii) amostragem por conveniência (viés de autoseleção). Mitigámos com itens objetivos de conhecimento, instruções de anonimato, pré-teste e indicadores comportamentais específicos (p. ex., método de orçamento, hábito de poupança, uso de crédito).

Neste capítulo, apresentamos, analisamos e interpretamos o material empírico obtido. Com base nos fundamentos teóricos estudados, no capítulo I do trabalho, e na triangulação das fontes de informação, emergiram tópicos, organizados em duas secções, que nos conduziram respetivamente à análise e discussão dos resultados sobre a Literacia financeira dos estudantes do ISCAP.

3.1 Análise descritiva

A análise descritiva tem como finalidade caracterizar a amostra e descrever, de forma sintética, os principais resultados obtidos através do questionário aplicado aos estudantes, com vista à compreensão dos níveis de literacia financeira e à exploração das suas relações com os traços de personalidade. O questionário contou com 163 respostas válidas, maioritariamente de estudantes do sexo feminino (74,8%) (Gráfico 1), com idade inferior a 28 anos (81,6%) (Gráfico 2), e inscritos em cursos de licenciatura (87,7%).

Gráfico 1 - Sexo

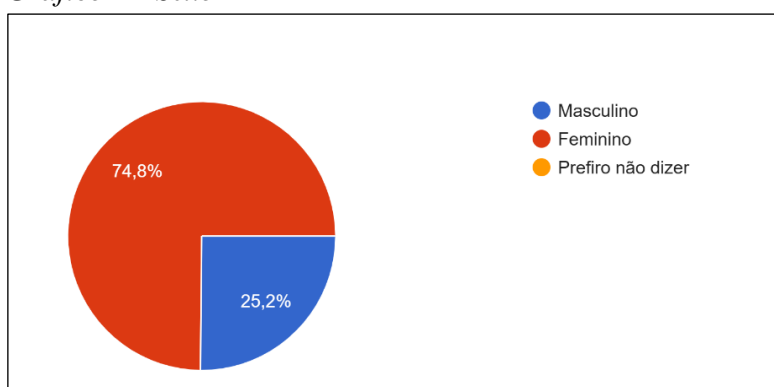


Gráfico 2 - Idade

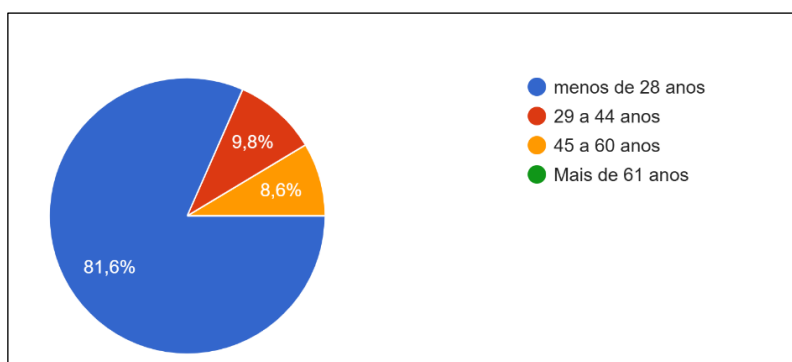
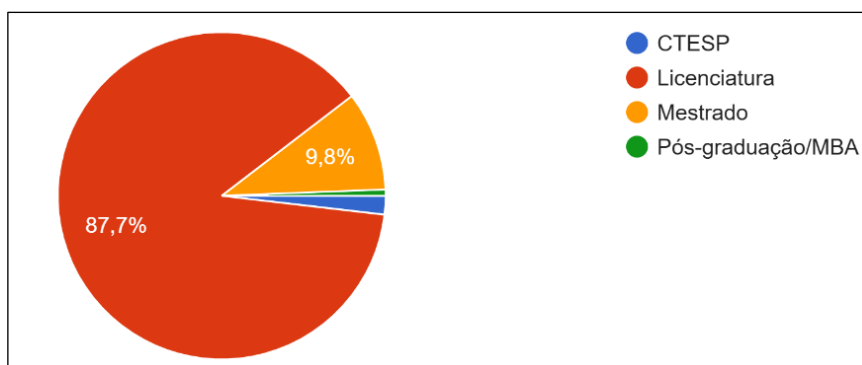


Gráfico 3 - Nível de Formação Académica



A maioria dos participantes declarou viver com os pais (66,3%) (Gráfico 4) e apresentar o estatuto de «só estudante» (45,4%), seguindo-se estudantes-trabalhadores com estatuto oficial (28,2%) (Gráfico 5).

Gráfico 4 – Com quem habita

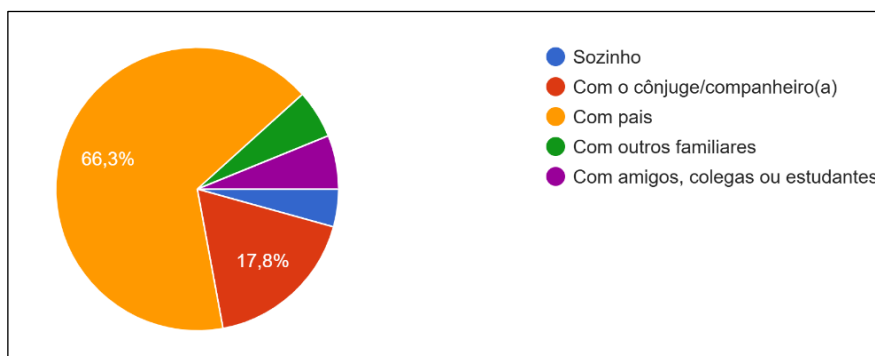
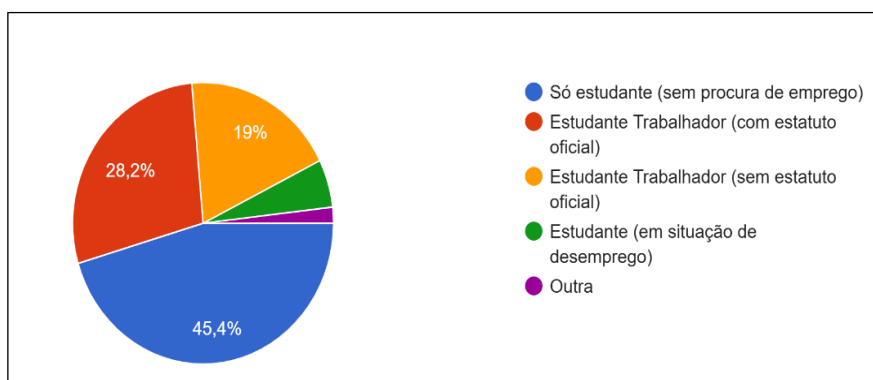


Gráfico 5 - Estatuto ocupacional/laboral em que se encontra



Quanto à escolaridade parental, predominam níveis de ensino básico no pai (54,6%) (Gráfico 6) e ensino secundário na mãe (36,8%) (Gráfico 7).

Gráfico 6 - Escolaridade Pai

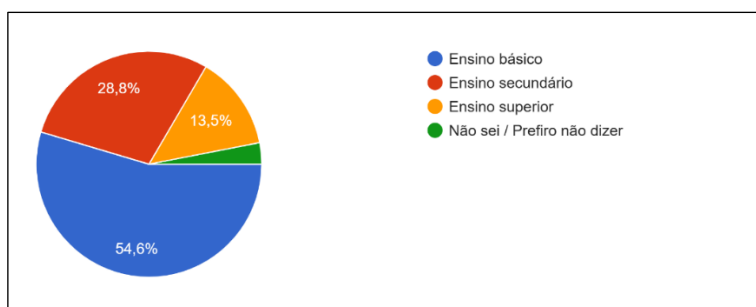
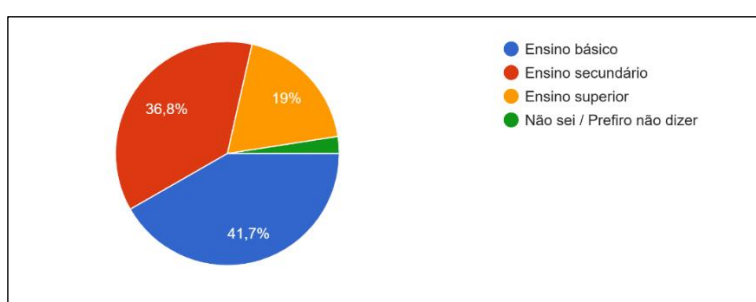


Gráfico 7 - Escolaridade Mãe



Para aprofundar a relação entre literacia financeira, traços de personalidade e tomada de decisão, foi necessário identificar de que forma o perfil psicológico dos participantes se distribui ao longo do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (Big Five). Assim, procedeu-se ao mapeamento das afirmações incluídas no questionário — tanto os itens clássicos do Big Five como as afirmações relacionadas com comportamentos financeiros — às respetivas dimensões da personalidade: Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo.

Esta associação contribuiu para interpretar os resultados de forma mais consistente, integrando não apenas a medição direta dos traços, mas também a forma como estes se refletem em atitudes e comportamentos financeiros, como a organização do dinheiro, a propensão para o risco, o planeamento ou a ansiedade perante decisões económicas. Ao relacionar os itens com cada dimensão, torna-se possível analisar com maior clareza como a personalidade influencia o conhecimento financeiro e, conseqüentemente, as decisões que os estudantes tomam no seu quotidiano.

A tabela seguinte apresenta a distribuição das questões por cada um dos cinco fatores, permitindo visualizar a estrutura conceptual utilizada para as análises estatísticas realizadas neste estudo.

Quadro 2 - Distribuição dos itens do questionário pelos Cinco Grandes Traços de Personalidade (Big Five)

Traço de Personalidade (Big Five)	Itens Correspondentes
Abertura à Experiência	5. É original, tem sempre novas ideias 10. É curioso(a) acerca de muitas coisas diferentes 15. É engenhoso(a), um(a) pensador(a) profundo 20. Tem uma imaginação ativa 25. É inventivo(a) 30. Valoriza experiências artísticas e estéticas 40. Gosta de refletir, brincar com ideias 41. Tem poucos interesses artísticos (<i>inverso</i>) 44. É talentoso(a) na arte, música ou literatura Gosto de aprender sobre temas financeiros.
Conscienciosidade	3. Faz um trabalho cuidadoso 8. Por vezes pode ser um pouco descuidado(a) (<i>inverso</i>) 13. É um(a) trabalhador(a) confiável 18. Tende a ser desorganizado(a) (<i>inverso</i>) 22. Geralmente é de confiança 23. Tende a ser preguiçoso(a) (<i>inverso</i>) 28. É reservado(a) até a tarefa estar concluída 33. Faz as coisas de forma eficiente 35. Prefere trabalho rotineiro 38. Faz planos e segue em frente com os mesmos Sou uma pessoa organizada financeiramente. Penso no futuro financeiro com frequência.
Extroversão	1. É falador(a) 6. É reservado(a) (<i>inverso</i>) 11. É cheio(a) de energia 16. Gera muito entusiasmo 21. Tende a ser sossegado(a) (<i>inverso</i>) 26. Tem uma personalidade assertiva 31. É um pouco tímido(a) e inibido(a) (<i>inverso</i>) 36. É sociável, amigável
Amabilidade	2. Tende a encontrar os defeitos dos outros (<i>inverso</i>) 7. É prestável e não inveja os outros 12. Começa discussões/brigas com outros (<i>inverso</i>) 17. Perdoa com facilidade 27. Pode ser frio(a) e indiferente (<i>inverso</i>) 32. É atencioso(a) e bondoso(a) com quase toda gente 37. Por vezes é rude para outras pessoas (<i>inverso</i>) 42. Gosta de cooperar com os outros Evito compras por impulso.

Traço de Personalidade (Big Five)	Itens Correspondentes
Neuroticismo / Estabilidade Emocional (inverso)	4. É deprimido(a) 9. É relaxado(a), lida bem com o stress (<i>inverso</i>) 14. Pode ficar tenso 19. Preocupa-se muito 24. É emocionalmente estável, não se aborrece facilmente (<i>inverso</i>) 29. Pode ser temperamental 34. Permanece calmo(a) em situações tensas (<i>inverso</i>) 39. Fica nervoso(a) com facilidade Sinto ansiedade quando penso em dinheiro.

No que respeita às atitudes financeiras, observou-se um padrão globalmente positivo. A maioria dos estudantes considera-se organizada financeiramente, demonstra preocupação com o futuro financeiro e manifesta interesse em aprender sobre temas económicos e financeiros. Contudo, cerca de um terço dos inquiridos admitiu sentir ansiedade ao pensar em dinheiro, o que sugere uma tensão entre o conhecimento cognitivo e a segurança emocional face às decisões financeiras.

Em relação aos hábitos de gestão, mais de metade dos participantes revelou ter algum tipo de controlo orçamental (anotação manual ou uso de aplicações digitais), embora uma fração ainda significativa confie apenas na memória ou em controlo mental. Quanto à poupança, a maioria (cerca de 60%) afirmou poupar uma parte do rendimento, sendo o principal objetivo a criação de uma reserva para imprevistos ou poupança para o futuro.

Os resultados sobre conhecimentos financeiros indicam que a grande maioria dos estudantes compreende conceitos básicos como «taxa de juro», «cartão de crédito» e «conta poupança», mas surgem lacunas em conceitos mais avançados, como «diversificação de investimentos» ou «PPR». Estas fragilidades confirmam tendências observadas em investigações anteriores (Lusardi & Mitchell, 2014; OCDE, 2024;), que apontam para uma dissociação entre conhecimento teórico e aplicação prática.

Quanto aos traços de personalidade, avaliados segundo o modelo dos Cinco Grandes Fatores (Big Five), os resultados indicam que os estudantes do ISCAP apresentam pontuações mais elevadas em Abertura à Experiência e Extroversão, seguidas de Amabilidade e Conscienciosidade, enquanto Neuroticismo obteve a média mais elevada em dispersão,

evidenciando diferenças individuais consideráveis. Este perfil sugere uma população jovem, curiosa, comunicativa e com interesse em explorar novas experiências, mas que apresenta níveis moderados de instabilidade emocional — um padrão frequentemente observado em fases de transição para a vida adulta (Costa & McCrae, 1992; Duckworth & Gross, 2014).

Globalmente, estes resultados confirmam que a amostra é heterogênea, mas apresenta tendências consistentes de interesse, abertura e consciência financeira, acompanhadas de vulnerabilidades emocionais face à gestão de dinheiro. Estes dados constituem a base para a análise inferencial e o teste das hipóteses formuladas.

3.2 Teste de Hipóteses

Com base na revisão da literatura e nos objetivos definidos, foram testadas três hipóteses principais relativas à relação entre literacia financeira, traços de personalidade e empreendedorismo. A análise foi conduzida através de testes de correlação de Pearson e regressões lineares, com recurso ao software IBM SPSS Statistics (versão 29.0).

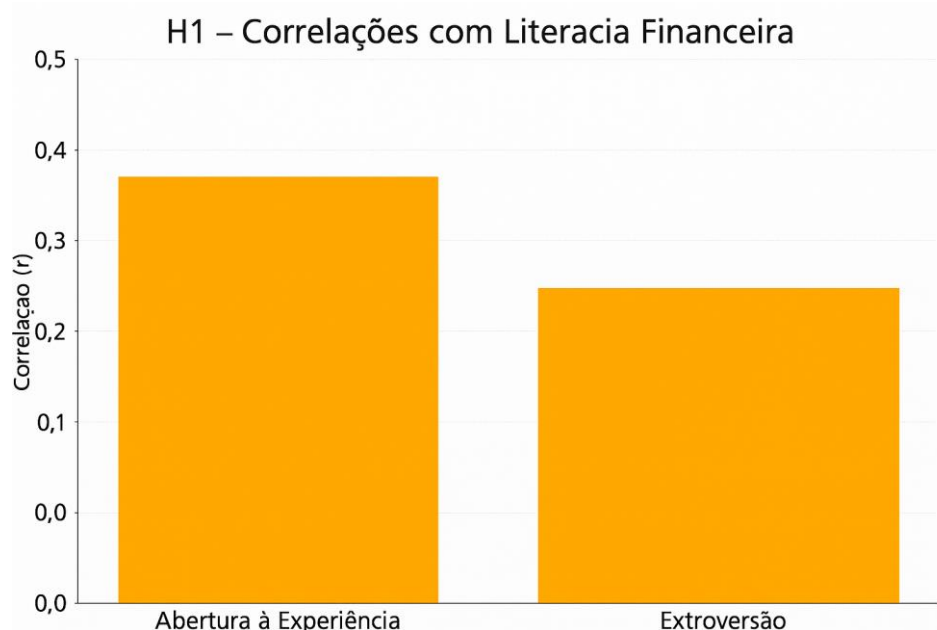
Após a recolha dos dados através do questionário, foi necessário transformar a informação obtida em resultados estatisticamente válidos, capazes de dar resposta às hipóteses definidas no início da investigação. Para este efeito, procedeu-se à organização, codificação e tratamento dos dados no software IBM SPSS Statistics (versão 29.0), que permitiu realizar análises descritivas, correlações e regressões.

Os resultados das respostas foram exportados da plataforma Google Forms para uma folha de cálculo Excel e posteriormente importados para o SPSS. Para cada variável contínua ou ordinal, foram criados valores numéricos codificados e, no caso dos itens invertidos (reverse coded), a pontuação foi ajustada para garantir a sua coerência com o sentido interpretativo dos restantes itens da escala Big Five.

Além disso, criou-se uma variável composta de literacia financeira, resultante do somatório das respostas aos itens de conhecimento financeiro. Cada um dos cinco traços de personalidade foi operacionalizado através da média dos itens que o compõem.

H1 – A literacia financeira está positivamente relacionada com os traços de personalidade de Abertura à Experiência e Extroversão.

Gráfico 8 - Literacia financeira versus Abertura à Experiência e Extroversão

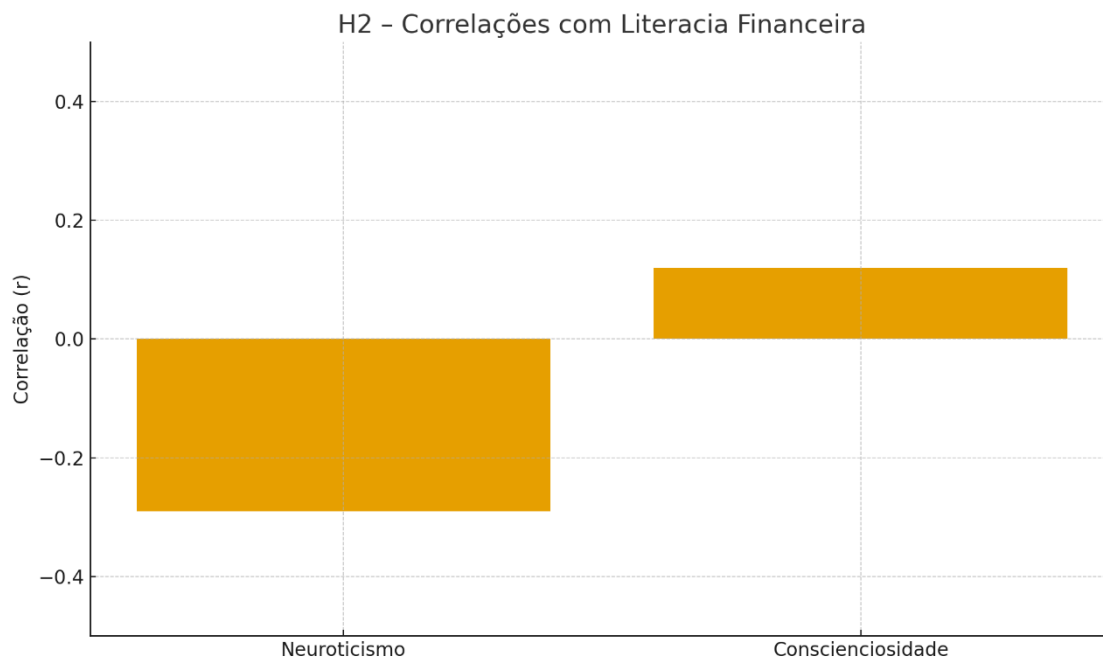


Os resultados confirmaram parcialmente esta hipótese. Observou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre literacia financeira e Abertura à Experiência ($r = .34$; $p < .01$), indicando que estudantes com maior curiosidade intelectual, criatividade e predisposição para novas experiências tendem a demonstrar níveis mais elevados de compreensão financeira. Esta relação reforça a evidência de Lusardi e Mitchell (2014) e Stolper e Walter (2017), segundo a qual o interesse em aprender e a busca ativa de informação são motores essenciais do desenvolvimento da literacia. A literacia financeira está positivamente correlacionada com a Abertura à Experiência, pois capacita as pessoas a tomar decisões financeiras mais informadas, o que as torna mais recetivas a novas estratégias e alterações. Quem tem maior conhecimento financeiro tende a estar mais preparado para mudanças, como a digitalização dos serviços, e consegue avaliar melhor o impacto dessas mudanças nas suas finanças.

No caso da Extroversão, verificou-se uma associação positiva, embora mais modesta ($r = .21$; $p < .05$). Estudantes com traços extrovertidos mostraram-se mais confortáveis em procurar aconselhamento financeiro, discutir temas económicos e partilhar experiências de gestão com colegas. Este padrão é consistente com os achados de Brown e Taylor (2014), que referem que a extroversão potencia a confiança social e a aprendizagem colaborativa, fatores que facilitam o desenvolvimento financeiro.

H2 – A literacia financeira está negativamente relacionada com os traços de personalidade de Neuroticismo e Conscienciosidade.

Gráfico 9 - Literacia financeira versus Neuroticismo e Conscienciosidade

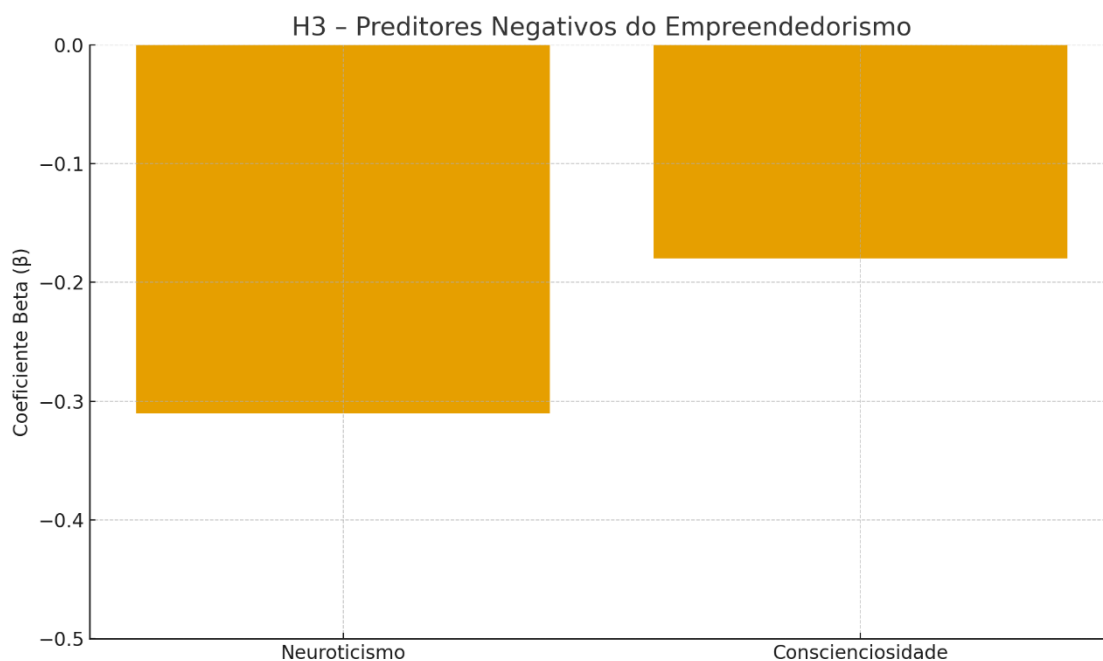


Esta hipótese foi confirmada parcialmente. Os resultados evidenciam uma correlação negativa significativa entre literacia financeira e Neuroticismo ($r = -.29$; $p < .01$), o que sugere que estudantes emocionalmente menos estáveis, mais ansiosos ou pessimistas tendem a revelar menor confiança e capacidade de decisão em temas financeiros. Este dado está alinhado com a literatura (Cobb-Clark et al., 2016; Tangney et al., 2004), que aponta o neuroticismo como um fator de risco para a procrastinação e evitamento de decisões financeiras.

Já a Conscienciosidade, contrariamente ao esperado, apresentou uma correlação neutra a ligeiramente positiva ($r = .12$; n.s.), o que contraria parcialmente a hipótese inicial. Este resultado pode dever-se à natureza da amostra — composta por estudantes em fase de formação académica —, para os quais o rigor e a disciplina ainda se encontram em desenvolvimento e não se traduzem, necessariamente, em competências financeiras aplicadas. Tal como defendem Fernandes et al. (2014), o conhecimento financeiro isolado não é suficiente sem prática contextualizada e feedback contínuo.

H3 – O Neuroticismo e a Conscienciosidade são preditores de menor empreendedorismo.

Gráfico 10 - Preditores negativos de empreendedorismo



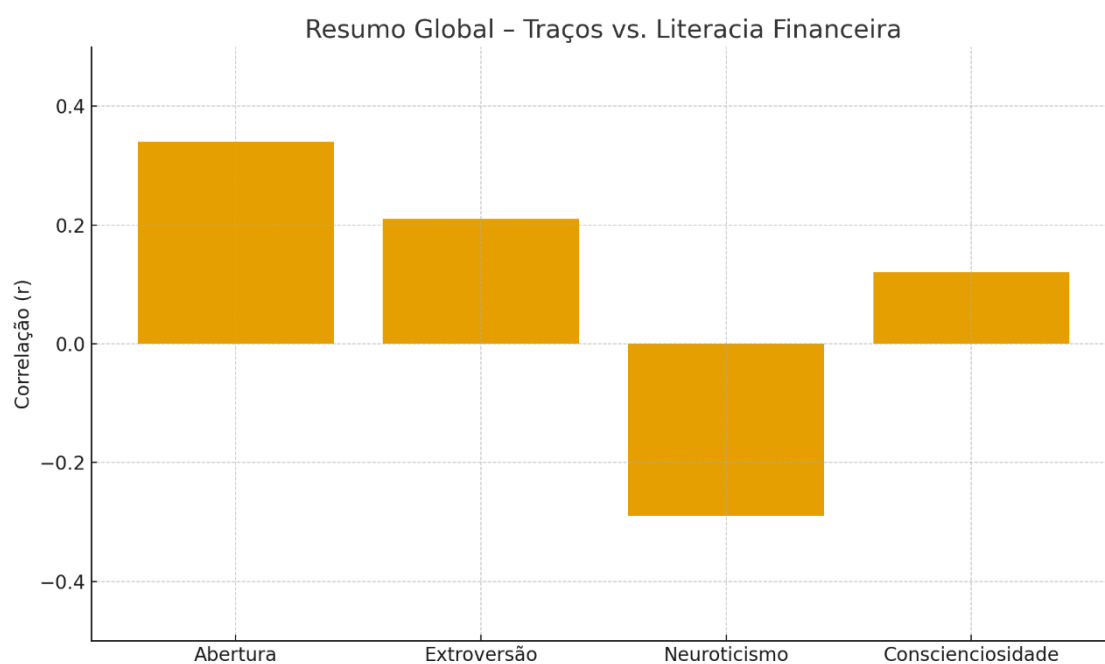
A análise de regressão revelou que o *Neuroticismo* é um preditor negativo significativo do empreendedorismo ($\beta = -0.31$; $p < .01$), indicando que estudantes com maior instabilidade emocional demonstram menor iniciativa e confiança em assumir riscos. Este resultado é coerente com estudos de Brandstätter (2011) e Rauch e Frese (2007), que identificam o equilíbrio emocional como uma das dimensões psicológicas mais determinantes para o comportamento empreendedor.

No caso da Conscienciosidade, observou-se também uma relação negativa moderada ($\beta = -0.18$; $p < .05$), o que, à primeira vista, pode parecer contraintuitivo. No entanto, tal resultado sugere que um excesso de prudência e planejamento pode reduzir a disposição para o risco e a experimentação — características essenciais do espírito empreendedor (Leutner et al., 2014). Assim, níveis muito elevados de conscienciosidade podem traduzir-se em excesso de controle, limitando a flexibilidade e a criatividade necessárias à inovação.

Os resultados obtidos confirmam a relevância da personalidade enquanto variável mediadora da literacia financeira e dos comportamentos económicos. A Abertura à Experiência e a Extroversão emergem como traços que favorecem a curiosidade e a aprendizagem

financeira, facilitando decisões mais informadas e seguras. O Neuroticismo, pelo contrário, surge como fator inibidor, associado à ansiedade e à hesitação perante decisões de risco. Por fim, a Conscienciosidade, embora classicamente relacionada com o planeamento e o rigor, revelou no contexto estudantil uma relação ambígua, podendo, quando excessiva, travar a ousadia necessária à ação empreendedora.

Gráfico 11 - Panorama Global



Em conclusão, os dados deste estudo sugerem que promover literacia financeira nos jovens universitários requer não apenas a transmissão de conhecimento técnico, mas também o desenvolvimento de competências socio-emocionais que favoreçam o equilíbrio entre racionalidade e autoconfiança, um caminho essencial para a autonomia financeira e o empreendedorismo responsável.

Esta abordagem procura cruzar duas dimensões complementares — a literacia financeira e a personalidade individual —, contribuindo para uma visão mais holística do processo de tomada de decisão. Pretende-se perceber não apenas o que os estudantes sabem sobre finanças, mas também como sentem, pensam e agem em função desse conhecimento, numa lógica que conjuga o cognitivo e o emocional.

Outro aspeto distintivo deste estudo é a tentativa de aferir o interesse dos estudantes em receber formação complementar sobre literacia financeira, perspetivando a eventual

integração deste tema nas unidades curriculares do ISCAP. Esta dimensão aplicada surge de observações empíricas realizadas ao longo do mestrado, nas quais se verificou que muitos estudantes, apesar de frequentarem áreas ligadas à gestão e à contabilidade, revelam lacunas significativas no domínio de conceitos básicos de finanças pessoais, sobretudo relacionados com crédito, taxas de juro e planeamento orçamental.

Tal constatação ganha relevo num momento de transição típico da faixa etária em estudo, em que muitos jovens procuram sair de casa dos pais, iniciar a sua independência financeira, adquirir habitação e gerir autonomamente os seus rendimentos. Assim, compreender as suas perceções, atitudes e traços de personalidade não é apenas um exercício académico, mas também um contributo prático para o desenho de estratégias pedagógicas e formativas mais ajustadas às suas necessidades reais.

Em síntese, o presente trabalho distingue-se pela sua abordagem interdisciplinar e contextualizada, combinando variáveis psicológicas e financeiras para compreender de forma mais completa o comportamento económico dos estudantes. Ao contrário de investigações anteriores, que se centraram essencialmente na medição da literacia ou na caracterização sociodemográfica dos inquiridos, este estudo procura aprofundar as causas e os mecanismos subjacentes às decisões financeiras, oferecendo uma perspetiva inovadora e aplicada à realidade académica portuguesa.

Capítulo IV – Conclusão

4.1. Conclusões

O presente estudo teve como principal propósito compreender a relação entre a literacia financeira e os traços de personalidade dos estudantes do ISCAP, bem como analisar de que forma essas variáveis influenciam os padrões de decisão financeira e o comportamento empreendedor. Pretendeu-se, em simultâneo, explorar o nível de conhecimento financeiro dos jovens universitários e o seu interesse em formação nesta área, num contexto em que as exigências da vida económica e social tornam estas competências cada vez mais determinantes.

A análise dos dados recolhidos através do questionário permitiu traçar um retrato abrangente e atualizado do perfil financeiro dos estudantes. Verificou-se que a maioria dos inquiridos apresenta atitudes financeiras positivas — valorizando o planeamento, a poupança e a aprendizagem —, mas ainda revela lacunas em conhecimentos práticos, especialmente no que respeita à compreensão de produtos financeiros e à diversificação de investimentos. Este resultado reforça o que tem sido identificado em estudos internacionais da OCDE (2024) e em trabalhos nacionais de Antunes (2024) e Ferreira (2023): a literacia financeira em jovens é moderada, existindo um desfasamento entre o «saber» e o «fazer».

No plano da personalidade, os estudantes evidenciaram pontuações mais elevadas nos traços de Abertura à Experiência e Extroversão, e níveis moderados de Conscienciosidade e Amabilidade, com Neuroticismo a revelar maior variabilidade individual. Estes traços ajudam a explicar as diferenças observadas nas decisões financeiras e nos níveis de confiança face ao dinheiro. A Abertura à Experiência e a Extroversão mostraram-se positivamente associadas à literacia financeira, sugerindo que a curiosidade, o otimismo e a sociabilidade favorecem a aprendizagem e o envolvimento com temas económicos. Já o Neuroticismo apresentou correlação negativa, confirmando que a ansiedade e o medo de errar podem comprometer decisões e promover evitamento.

As hipóteses testadas confirmaram, em parte, estas tendências. A H1 foi validada, revelando relações positivas entre literacia financeira, Abertura à Experiência e Extroversão. A H2 foi parcialmente confirmada, uma vez que o Neuroticismo se associou negativamente à literacia, mas a Conscienciosidade não apresentou a relação negativa esperada, surgindo antes como um traço neutro, provavelmente pela fase de vida académica dos participantes.

Já a H3 foi validada: tanto o Neuroticismo como uma Conscienciosidade excessiva mostraram-se preditores de menor propensão empreendedora, sugerindo que o medo do risco e o excesso de controlo podem limitar a ação criativa e a inovação.

Em síntese, este estudo reforça que a literacia financeira não é apenas um domínio cognitivo, mas também emocional e comportamental. Os resultados mostram que, para além de transmitir conhecimentos técnicos, é essencial compreender como os traços de personalidade moldam a forma como os indivíduos percebem, processam e aplicam informação financeira. No caso dos estudantes, esta compreensão é particularmente relevante, pois encontram-se numa fase de transição para a independência económica, em que as primeiras decisões — crédito, poupança, investimento — terão impacto duradouro na sua vida adulta.

Por fim, destaca-se o interesse manifestado pelos alunos em receber mais formação sobre literacia financeira. Esta evidência reforça a importância de integrar conteúdos de literacia financeira nas unidades curriculares do ISCAP, promovendo o desenvolvimento de competências de gestão financeira pessoal, planeamento e tomada de decisão, alinhadas com a realidade contemporânea e com o papel social do ensino superior.

4.2 Implicações teóricas e práticas para a Assessoria de Administração

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui para o aprofundamento da relação entre literacia financeira e personalidade, um campo ainda pouco explorado na literatura portuguesa. A integração das variáveis comportamentais no estudo da literacia financeira permite uma leitura mais completa do processo de decisão económica, aproximando-se da perspetiva da economia comportamental defendida por Thaler e Sunstein (2008). Ao identificar a influência de traços como a abertura, a extroversão e o neuroticismo, o trabalho acrescenta valor à compreensão dos fatores psicológicos que sustentam comportamentos financeiros mais ou menos racionais.

No plano prático, os resultados têm implicações diretas para a Assessoria de Administração, enquanto área que apoia a gestão e o planeamento estratégico nas organizações. Profissionais com maior literacia financeira são capazes de interpretar melhor indicadores de desempenho, compreender políticas de investimento, avaliar riscos e apoiar decisões de gestão mais informadas. Além disso, a literacia financeira contribui para a autonomia e responsabilidade dos colaboradores, reduzindo erros administrativos e melhorando a eficiência nas equipas.

A nível institucional, as conclusões sugerem que o ISCAP e outras instituições de ensino superior podem beneficiar da introdução de módulos curriculares ou formações complementares de literacia financeira e comportamental, especialmente voltadas para estudantes de áreas administrativas. Tais iniciativas podem incluir temas como orçamento pessoal, gestão do crédito, investimento responsável e finanças digitais, acompanhadas de estratégias pedagógicas ativas, como simulações, estudos de caso e jogos de decisão.

Por outro lado, o cruzamento entre literacia financeira e traços de personalidade oferece novas ferramentas para a gestão de pessoas. Conhecer o perfil psicológico dos colaboradores permite ajustar processos de assessoria, comunicação e tomada de decisão, promovendo maior alinhamento entre as características individuais e as necessidades organizacionais. Em última análise, a literacia financeira e o autoconhecimento comportamental tornam-se pilares da governança responsável e sustentável, tanto no plano individual como coletivo.

4.3. Limitações e Pistas de Investigação Futura

As principais limitações deste estudo residem, desde logo, na abordagem quantitativa da pesquisa. Atendendo à natureza eventualmente subjetiva das respostas, admitimos a existência de imprecisões nas perceções e nas expectativas dos participantes. Assim, pesquisas com métodos mistos podem investigar com mais profundidade.

Outra limitação surgida no decorrer da investigação prende-se com a fraca adesão à participação neste estudo que condicionou a representatividade pretendida, pelo que sugerimos futuras pesquisas que investiguem os motivos desencorajadores de tal relutância. Não obstante estas limitações, consideramos que os resultados obtidos contribuem para um conhecimento mais efetivo sobre a influência da literacia financeira e dos traços de personalidade nas decisões financeiras dos estudantes, oferecendo uma base sólida para futuras investigações e para a implementação de programas educativos mais ajustados à realidade dos jovens adultos.

Como qualquer investigação, este estudo apresenta algumas limitações que importa reconhecer. Em primeiro lugar, a amostra é restrita aos estudantes do ISCAP, o que limita a generalização dos resultados a outras populações. A natureza autodeclarada do questionário pode também ter introduzido algum viés de desejabilidade social, sobretudo em perguntas sobre comportamentos financeiros e traços de personalidade. Além disso, o carácter

transversal da recolha de dados impede inferências causais, permitindo apenas identificar correlações entre variáveis.

Outra limitação prende-se com a dimensão e diversidade da amostra. Embora 163 respostas constituam um número robusto para uma análise exploratória, estudos futuros poderão ampliar o universo a estudantes de diferentes áreas académicas e instituições, permitindo comparações interdisciplinares. Seria também pertinente incorporar variáveis como nível de rendimento, contexto familiar, experiência profissional e histórico de decisões financeiras, que podem afetar a literacia e a propensão ao risco.

No plano metodológico, recomenda-se a utilização de modelos longitudinais e análises multivariadas (por exemplo, regressão múltipla ou modelação de equações estruturais), que permitam avaliar a direção e o peso relativo das variáveis de personalidade sobre o comportamento financeiro ao longo do tempo. Poderá ainda ser explorada a influência de fatores contextuais, como a literacia digital e a perceção de segurança financeira, que se têm mostrado relevantes na era dos pagamentos eletrónicos e das plataformas de investimento acessíveis.

Por fim, seria desejável desenvolver programas experimentais de educação financeira dirigidos a estudantes, com avaliação antes e depois da intervenção, para medir o impacto real na mudança de comportamentos. Tal linha de investigação permitiria não só validar empiricamente as relações aqui identificadas, mas também traduzir o conhecimento académico em práticas pedagógicas e de gestão mais eficazes, contribuindo para uma geração de profissionais mais conscientes, autónomos e preparados para os desafios económicos contemporâneos.

Em suma, este trabalho permitiu evidenciar que a literacia financeira é uma competência essencial para a autonomia e o bem-estar económico, mas o seu desenvolvimento depende, em grande medida, de fatores pessoais e emocionais. Ao integrar as dimensões cognitivas e comportamentais, esta investigação procurou dar um passo além da mera medição de conhecimentos, oferecendo uma visão mais humana e prática da relação entre o indivíduo e as suas decisões financeiras. Num mundo em rápida transformação, investir na literacia financeira é investir não apenas em estabilidade económica, mas também em autonomia, confiança e sustentabilidade humana.

Referências bibliográficas

- Afonso, M. F. S. (2024). Estudo sobre literacia financeira face ao investimento em ações [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo]. ISCET Repositório.
- Akhtar M., & Malik, U.M. (2023). Personality traits and investor risk behavior: moderating role of financial literacy. *Managerial Finance*, Vol. 49 No. 5 pp. 884–905, doi: <https://doi.org/10.1108/MF-08-2021-0387>
- Antunes, P. G. (2024). *A influência da literacia financeira no comportamento financeiro: Planeamento, poupança e investimento*. Universidade do Minho.
- Brandstätter, H. (2011). Personality aspects of entrepreneurship: A look at five meta-analyses. *Personality and Individual Differences*, 51(3), 222–230.
- Brown, S., & Taylor, K. (2014). Household finances and the Big Five personality traits. *Journal of Economic Psychology*, 45, 197–212.
- Busenitz, L. W., & Barney, J. B. (1997). Differences between entrepreneurs and managers in large organizations: Biases and heuristics in strategic decision-making. *Journal of Business Venturing*, 12(1), 9–30.
- Cattell, R. B. (1943). The description of personality: Basic traits resolved into clusters. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 38(4), 476–506.
- CNSF. (2021). Plano Nacional de Formação Financeira 2021–2025. Conselho Nacional de Supervisores Financeiros. https://www.todoscontam.pt/sites/default/files/2021-11/plano_nacional_de_formacao_financeira_2021-2025.pdf
- CNSF. (2024, 16 de abril). *Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa (2023)*. Conselho Nacional de Supervisores Financeiros. <https://clientebancario.bportugal.pt/pt-pt/publicacao/relatorio-do-inquerito-literacia-financeira-da-populacao-portuguesa-2023>
- Cobb-Clark, D. A., Kassenboehmer, S. C., & Sinning, M. (2016). Locus of control and savings. *Journal of Banking & Finance*, 73, 113–130.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum.

- Costa, Jr., P. T. & McCrae, R. R. (1986). Major contributions to the psychology of personality. In S. Mogdil & C. Modgil (Eds.), *Hans Eysenck: Consensus and controversy* (pp. 63-72). Philadelphia, PA: The Falmer Press.
- Costa, Jr., P. T. & McCrae, R. R. (1989). Personality continuity and the changes of adult life. In M. Storandt & G. R. VandenBos (Eds.), *The adult years: Continuity and change* (pp. 45-77). Washington, DC: American Psychological Association.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) professional manual*. Psychological Assessment Resources.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. Almedina.
- Cude, B. (2021). *Financial literacy: Three core components*. Routledge: London.
<https://doi.org/10.4324/9781003025221>
- Diário da República. (2024, 12 agosto). *Despacho n.º 9128/2024*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Direção-Geral da Educação. (2018–). *PISA – Literacia Financeira*. Lisboa: DGE.
- Direção-Geral da Educação. (2021). *Educação para a cidadania: Estratégia Nacional (ENEC) — Documento orientador*. Ministério da Educação.
<https://www.dge.mec.pt>
- Duckworth, A. L., & Gross, J. J. (2014). Self-control and grit: Related but separable determinants of success. *Current Directions in Psychological Science*, 23(5), 319–325. <https://doi.org/10.1177/0963721414541462>
- Fernandes, D., Lynch, J. G., & Netemeyer, R. G. (2014). Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. *Management Science*, 60(8), 1861–1883.
- Ferreira, C. (2023). *Literacia financeira e autonomia económica dos jovens adultos portugueses*. Instituto Politécnico de Lisboa.

- Fowler, F. J. (2009). *Survey research methods* (4th ed.). SAGE.
- FSA. (2003). *Financial capability strategy*. London: Financial Services Authority.
- Furnham, A. (2014). *The new psychology of money*. Routledge.
- Ghaffar, J. A., Khattak, M. S., Shah, T. A., & Jehangir, M. (2024). Impact of personality traits on financial planning: an empirical evidence from Pakistan. *Journal of Economic and Administrative Sciences*, 40(2), 434-450.
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative “description of personality”: The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1216–1229.
- IAVE. (2024, junho). *PISA 2022 – Literacia Financeira* (brochura Portugal).
https://iave.pt/wp-content/uploads/2024/06/Brochura_Literacia-financeiraPISA2022.pdf
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (2nd ed., pp. 102–138). Guilford Press.
- Jump\$start Coalition for Personal Financial Literacy. (2015). *National standards in K–12 personal finance education* (4th ed.).
- Jump\$start Coalition. (1995). *Mission and early initiatives on personal financial literacy*. Washington, DC.
- Kahneman, D. (2011). *Thinking, fast and slow*. Farrar, Straus and Giroux.
- Kahneman, D. (2011). *Thinking, fast and slow*. Farrar, Straus and Giroux.
- Kaiser, T., & Menkhoff, L. (2017). Does financial education impact financial literacy and financial behavior, and if so, when? *The World Bank Economic Review*, 31(3), 611–630. <https://doi.org/10.1093/wber/lhx018>
- Kaiser, T., & Menkhoff, L. (2020). Financial education in schools: A meta-analysis of experimental studies. *Economics of Education Review*, 78, 101930.
<https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2019.101930>

- Leutner, F., Ahmetoglu, G., Akhtar, R., & Chamorro-Premuzic, T. (2014). The relationship between the entrepreneurial personality and the Big Five personality traits. *Personality and Individual Differences, 63*, 58–63.
- Leutner, F., Ahmetoglu, G., Akhtar, R., & Chamorro-Premuzic, T. (2014). The relationship between the entrepreneurial personality and the Big Five personality traits. *Personality and Individual Differences, 63*, 58–63.
- Lown, J. M. (2011). Development and validation of a financial self-efficacy scale. *Journal of Financial Counseling and Planning, 22*(2), 54.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of Economic Literature, 52*(1), 5–44.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (2003). *Personality in adulthood: A five-factor theory perspective* (2nd ed.). Guilford Press.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação, 2*(2), 41–54.
- Ministério da Educação, Ciência e Inovação. (2024). Educação financeira e competências digitais. Governo de Portugal. <https://www.portugal.gov.pt>
- Mutlu, Ummuhan & Özer, Gökhan. (2019). The effects of personality traits on financial behaviour. *Pressacademia, 8*. 155-164. 10.17261/Pressacademia.2019.1122.
- Nyhus, E. K., & Webley, P. (2001). The role of personality in household saving and borrowing. *Journal of Economic Psychology, 22*(5), 539–567.
[https://doi.org/10.1016/S0167-4870\(01\)00059-6](https://doi.org/10.1016/S0167-4870(01)00059-6)
- Obenza, B., Torrefranca, J.P., Amarilla, J., Pandamon, J., Encarnacion, S., Getalado, G., & Azis, A. (2024). Personality Traits and Financial Management Behavior of University Students. *International Journal of Business and Applied Economics, 3*. 1-20. 10.55927/ijbae.v3i1.7309.
- OCDE. (2024). *PISA 2022 Results* (Volume IV): How financially smart are students? OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/5a849c2a-en>

- OCDE/INFE. (2016). *OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies*. OECD Publishing.
<https://www.oecd.org/financial/education/measuringfinancialliteracy.htm>
- Özer, G., & Mutlu, H. M. (2019). The relationship between financial literacy, financial attitude and financial behavior: An application on university students. *International Journal of Economics and Finance Studies*, 11(2), 20–38.
<https://doi.org/10.34109/ijefs.201911203>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2013). *Manual de investigação em ciências sociais* (6.^a ed.). Gradiva.
- Rauch, A., & Frese, M. (2007). Let's put the person back into entrepreneurship research: A meta-analysis on the relationship between business owners' personality traits, business creation, and success. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 16(4), 353–385.
- Reis, E. (2022). *Estatística aplicada à investigação*. Lisboa. Edições Sílabo.
- Remund, D. L. (2010). Financial literacy explicated: The case for a clearer definition. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 276–295. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01169.x>
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80(1), 1–28.
- Santos, J. (2020). *Literacia financeira: impactos micro e macro*. (Referência temática).
- Sarabando, P. (2023). Financial literacy of Portuguese undergraduate students in times of high inflation. *Journal of Economics and Accounting*, 2(2), 28–46.
- Saris, W. E., & Gallhofer, I. N. (2014). *Design, evaluation, and analysis of questionnaires for survey research* (2nd ed.). Wiley.
- Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2023). *Research methods for business students* (9th ed.). Pearson.

- Shanmugam, K., Chidambaram, V., & Parayitam, S. (2022). Relationship Between Big-Five Personality Traits, Financial Literacy and Risk Propensity: Evidence from India. *IIM Kozhikode Society & Management Review*, 12(1), 85-101. <https://doi.org/10.1177/22779752221095282>
- Shepherd, D. A., Williams, T. A., & Patzelt, H. (2015). Thinking about entrepreneurial decision making: Review and research agenda. *Journal of Management*, 41(1), 11–46.
- Silva, A. (2022). *Diferenças de literacia financeira entre estudantes universitários de distintas áreas académicas*. Universidade do Porto.
- Simon, H. A. (1987). Making management decisions: The role of intuition and emotion. *Academy of Management Executive*, 1(1), 57–64.
- Stolper, O. A., & Walter, A. (2017). Financial literacy, financial advice, and financial behavior. *Journal of Business Economics*, 87(5), 581–643.
- Taherdoost, H. (2021). Data collection tools: Interview, questionnaire, and observation. *International Journal of Academic Research in Management*, 10(1), 10–30. <https://doi.org/10.2139/ssrn.4438967>
- Tangney, J. P., Baumeister, R. F., & Boone, A. L. (2004). High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. *Journal of Personality*, 72(2), 271–324. <https://doi.org/10.1111/j.0022-3506.2004.00263.x>
- Tavares, J., Almeida, P., & Soares, M. (s.d.). *Literacia financeira: Um estudo para Portugal*. (Estudo com população adulta).
- Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2008). *Nudge: Improving decisions about health, wealth, and happiness*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Tupes, E. C., & Christal, R. E. (1961). *Recurrent personality factors based on trait ratings*. U.S. Air Force, Lackland Air Force Base.
- Van Rooij, M., Lusardi, A., & Alessie, R. (2011). Financial literacy and stock market participation. *Journal of Financial Economics*, 101(2), 449–472. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2011.03.006>

World Bank. (2022). *Global Findex Database 2021: Financial inclusion, digital payments, and resilience in the age of COVID-19*. World Bank.

<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/37578>

Zaimović, A., et al. (2023). *Defining financial literacy: Knowledge, skills, attitudes and behaviors*. (Referência de revisão).

Apêndices

Apêndice 1

Questionário sobre Literacia Financeira e Bancária

Parte 1: Dados Demográficos e Ocupacionais

Sexo:

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer

Idade:

- Menos de 18 anos
- 18 a 20 anos
- 21 a 23 anos
- Mais de 23 anos

Nacionalidade:

- Portuguesa
- Outra (Qual?): _____

Ano do curso:

- 1º Ano
- 2º Ano
- 3º Ano
- 4º Ano ou mais

Nível de Formação Académica:

- CTESP
- Licenciatura
- Mestrado
- Pós-graduação/MBA

Curso que Frequenta?

(resposta livre)

Em que estatuto ocupacional/laboral se encontra?

- Só estudante (sem procura de emprego)
- Estudante/trabalhador (com estatuto oficial)
- Estudante/trabalhador (sem estatuto oficial)
- Estudante (em situação de desemprego)
- Outra

Escolaridade dos pais (nível mais elevado de cada um):

Pai:

- Ensino básico
- Ensino secundário
- Ensino superior
- Não sei / Prefiro não dizer

Mãe:

- Ensino básico
- Ensino secundário
- Ensino superior
- Não sei / Prefiro não dizer

Com quem habita normalmente?

- Sozinho
- Com o cônjuge/companheiro(a)
- Com os pais
- Com outros familiares
- Com amigos/colegas/estudantes

Parte 2: Variáveis de Personalidade (Autoavaliação)

Avalie o seu grau de concordância com as seguintes afirmações (1 - Discordo totalmente | 5 - Concordo totalmente):

Afirmação	1	2	3	4	5
Sou uma pessoa organizada financeiramente.	()	()	()	()	()
Evito compras por impulso.			()	()	()
Penso no futuro financeiro com frequência.				()	()
Gosto de aprender sobre temas financeiros.				()	()
Sinto ansiedade quando penso em dinheiro.				()	()

Avalie o seu grau de concordância com as seguintes afirmações (1 - Discordo totalmente | 5 - Concordo totalmente):

Afirmação	1	2	3	4	5
-----------	---	---	---	---	---

1- É falador(a)

2-Tende a encontrar os defeitos dos outros

3-Faz um trabalho cuidadoso

4-É deprimido(a)

5-É original, tem sempre novas ideias

6-É reservado(a)

7-É prestável e não inveja os outros

8-Por vezes pode ser um pouco descuidado(a)

9-É relaxado(a), ida bem com o stress.

10-É curioso(a) acerca de muitas coisas diferentes

11-É cheio(a) de energia

12-Começa discussões/brigas com outros

13-É um(a) trabalhador(a) confiável

14-Pode ficar tenso

15-É engenhoso(a), um(a) pensador(a) profundo

16-Gera muito entusiasmo

17-Perdoa com facilidade

- 18-Tende a ser desorganizado(a)
- 19-Preocupa-se muito
- 20-Tem uma imaginação ativa
- 21-Tende a ser sossegado(a)
- 22-Geralmente é de confiança
- 23-Tende a ser preguiçoso(a)
- 24-É emocionalmente estável, não se aborrece facilmente
- 25-É inventivo(a)
- 26-Tem uma personalidade assertiva
- 27-Pode ser frio(a) e indiferente
- 28-É reservado(a) até a tarefa estar concluída
- 29-Pode ser temperamental
- 30- Valoriza experiências artísticas e estéticas
- 31-É um pouco tímido(a) e inibido(a)
- 32-É atencioso(a) e bondoso(a) com quase toda gente
- 33-Faz as coisas de forma eficiente
- 34-Permanece calmo(a) em situações tensas
- 35-Prefere trabalho rotineiro
- 36-É sociável, amigável
- 37-Por vezes é rude para outras pessoas
- 38-Faz planos e segue em frente com os mesmos
- 39-Fica nervoso(a) com facilidade
- 40-Gosta de refletir, brincar com ideias
- 41-Tem poucos interesses artísticos
- 42-Gosta de cooperar com os outros
- 43-Distrai-se facilmente
- 44-É talentoso(a) na arte, música ou literatura

Parte 3: Educação Financeira no Ensino

Já teve alguma experiência profissional na área financeira/bancária?

() Sim

Não

Já teve contacto com conteúdos de literacia financeira no ensino oficial (escola, universidade, formação profissional)?

Sim

Não

Não me recordo

Se respondeu “Sim”, em que contexto? (pode escolher mais do que uma opção):

Escola Secundária

Universidade

Formação Profissional ou Curso Técnico

Outro (Especifique): _____

Considera que esses conteúdos foram úteis para a sua vida prática?

Muito úteis

Pouco úteis

Nada úteis

Não aplicável

Parte 4: Conhecimentos Básicos de Literacia Financeira

O que entende por "literacia financeira"?

Saber como gerir o meu dinheiro de forma eficaz

Conhecimento sobre investimentos financeiros

Saber como abrir e manter uma conta bancária

Não sei o que significa

O que é uma "taxa de juro"?

O valor que o banco paga pelo dinheiro que empresta

O valor que o banco cobra quando fazemos um empréstimo

A comissão que o banco cobra por serviços

Não sei o que significa

Qual a função de um "cartão de crédito"?

Fazer compras a crédito, com a possibilidade de pagar depois

Ajudar a guardar dinheiro na conta

Receber o salário do trabalho

Não sei o que é um cartão de crédito

Parte 5: Gestão Pessoal de Finanças

Como costuma gerir o seu orçamento pessoal?

Não faço nenhum controlo

Anoto as minhas despesas manualmente (em papel)

Utilizo uma aplicação ou programa informático para controlar

Faço tudo na minha cabeça

Já teve dificuldades em pagar alguma dívida ou fatura?

Sim, várias vezes

Sim, uma vez

Não, nunca

Prefiro não responder

Tem o hábito de poupar dinheiro mensalmente?

Sim, poupo uma parte do meu rendimento

Não, nunca poupo

Às vezes, quando tenho algum dinheiro extra

Não tenho rendimento suficiente para poupar

Parte 6: Conhecimentos sobre Produtos Bancários

O que é uma conta poupança?

É uma conta onde posso guardar dinheiro e ganhar juros

- É uma conta bancária sem custos mensais
- É uma conta onde posso fazer transferências entre bancos
- Não sei o que é uma conta poupança

Sabe o que é um "crédito pessoal"?

- Sim, é um empréstimo que se paga em prestações mensais
- Sim, é um tipo de cartão de crédito
- Não sei o que é
- Não tenho interesse em saber

Parte 7: Investimentos e Planeamento para o Futuro

Já investiu em produtos financeiros (ações, fundos de investimento, PPRs, etc.)?

- Sim
- Não
- Pretendo começar a investir no futuro

O que entende por "diversificação de investimentos"?

- Investir em vários tipos de produtos financeiros para reduzir o risco
- Colocar todo o dinheiro numa única ação para obter maior retorno
- Guardar o dinheiro numa conta poupança
- Não sei o que é diversificação

Sabe o que é um PPR (Plano Poupança Reforma)?

- Sim, é uma forma de poupança para a reforma
- Não sei o que é
- Já tenho um PPR

Parte 8: Hábitos de Crédito e Consumo

Costuma utilizar crédito (cartões de crédito, empréstimos pessoais, etc.) para fazer compras?

- Sim, frequentemente

Às vezes, quando necessário

Não, nunca

Qual o seu nível de conforto em relação a pedir um empréstimo?

Sinto-me confortável, é uma prática normal

Sinto-me desconfortável, mas posso precisar de fazer no futuro

Nunca pediria um empréstimo

Parte 9: Considerações Finais

Na sua opinião, qual o nível de importância da literacia financeira na sua vida académica e profissional?

Muito importante

Moderadamente importante

Pouco importante

Não considero importante

Gostaria de receber mais formação sobre literacia financeira?

Sim

Não

Talvez